VI ComCult 08 e 09/11
VÍNCULOS, REDES E AMBIENTES
VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO E CULTURA

EDUCOM.RÁDIO: A INSERÇÃO DO MEIO DE COMUNICAÇÃO RÁDIO NAS ESCOLAS DO MUNICIPÍO DE SÃO PAULO[1]

SANTOS, EW[2]

ANTUNES, Luciana[3]

DIAS, Lucia[4]

Resumo

Nosso objetivo, no presente trabalho, é abordar a inserção do meio de comunicação rádio na escola, tomando como foco o projeto EDUCOM.RÁDIO e a proposta de utilização do rádio como ferramenta de mediação tecnológica da produção de conhecimento no ambiente escolar, segundo a perspectiva da educomunicação. Para testar a validade dessas assertivas, levamos em consideração os depoimentos de agentes envolvidos, seja nas atividades do curso propriamente dito, seja nos desdobramentos atuais do projeto de rádio, desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental "Pedro Teixeira". Privilegiamos o depoimento de entrevistados que representassem diferentes segmentos e, portanto, que proporcionassem diferentes visões do processo de implementação e desenvolvimento do projeto.

Palavras-chave: Comunicação. Rádio. Cultura. Educomunicação.

Abstract

The aim of this paper is to approach the insertion of radio in school according to educommunication perspective, focusing on the EDUCOM.RÁDIO project and on the radio use as a technological tool for knowledge production in a school environment. In order to test these assertions, we took in account the statement of workers involved with activities of the course itself, and of the current radio project developments in the "Pedro Teixeira" Municipal Primary School. We privileged statements from different segments and, therefore, from different perspectives of the project implementation and development process.

---

[1] Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Ambientes Sonoros de Comunicação, VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo, Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

[2] Doutorando em Comunicação pela Universidade Paulista – Unip, email: elviswsantos@gmail.com

[3] Mestranda em Comunicação pela Universidade Paulista – Unip, email: lulutunes1973@gmail.com

[4] Doutoranda em Comunicação pela Universidade Paulista – Unip, email: luciadias8@gmail.com

Key words: Communication. Radio. Culture. Educommunication

Introdução

Educadores, estudiosos da educação e instituições encarregadas de promover a educação encontram-se, atualmente, diante de um desafio que põe à prova o domínio de suas práticas e a sua capacidade de reequiparem-se com novas concepções em resposta às mutações impostas pela realidade. A escola, como um dos marcos institucionais mais sólidos da modernidade, que durante largo período serviu como âncora segura da constituição da identidade cultural dos indivíduos, precipita-se agora numa crise que advém da concorrência de outros marcos referenciais da cultura. Marcos estes, dispersos, certamente, mas eficazes no sentido de oferecer aos indivíduos e comunidades o alimento simbólico que preenche de significações as relações sociais, os horizontes da vida grupal e individual.

Vê-se, agora, que os centros constituídos pela escola e pelo livro como figuras sociais herdadas que personificam a forma prioritária do saber a partir de uma tradição que remonta à vida nos monastérios foram abalados pela emergência das novas tecnologias da comunicação. Tecnologias que vieram dar forma a um ecossistema comunicacional que se torna modelo e trama de interações, mobilizando uma diversidade de linguagens, escrituras, representações e narrativas, instaurando novas formas de percepção e sensibilidade, provocando uma indefinição das fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, arte e ciência, saber especializado e experiência profana.

Com isso, torna-se urgente recolocar o empreendimento educacional em sintonia com um novo ambiente social e cultural marcado pela presença das mídias. Somos desafiados a pensar sobre formas de trazer para o cotidiano da vida escolar a existência de um processo de comunicação que possa acolher as múltiplas figuras da diversidade cultural que não cabem mais nos limites estreitos das instituições típicas da modernidade em sua feição liberal-democrática.

A alternativa passa por saber fazer o melhor uso da mediação tecnológica, agora não mais como mero acessório instrumental, mas ressignificada como aspecto estrutural de um processo denso em que pode se dar o franqueamento de espaços de expressão das identidades individuais, de sensibilidades, afetos, saberes, num jogo de trocas simbólicas por meio do qual se dá a construção coletiva do conhecimento numa perspectiva dialógica, propícia à descoberta da “palavra própria” por cada sujeito envolvido. E isso se torna condição para que possamos praticar uma autêntica educação libertadora, no sentido preconizado por Paulo Freire.

O educador deve saber, para tanto, praticar o “jogo da mediação”, na expressão feliz de Guillermo Orozco Gomes, utilizando da melhor forma possível os recursos tecnológicos no sentido de

propiciar a condição vinculante que faz de cada indivíduo co-participante no processo dialógico de construção do conhecimento.

É partindo dessas premissas que podemos olhar para a experiência do projeto Educom.rádio, histórica já pela dimensão inédita da empreitada de propiciar o uso do rádio como instrumento de mediação tecnológica em 455 escolas da rede municipal de ensino de São Paulo, observando suas múltiplas dimensões, como extensão universitária, como empreendimento pedagógico e como política pública de educomunicação, como utilização exemplar das possibilidades educativas do rádio, para, demarcando os sentidos possíveis dessa experiência, vislumbrar uma possibilidade de resposta aos desafios que o novo panorama tecnológico e cultural impõe à educação.

O rádio e a educomunicação

A utilização do rádio como instrumento de mediação tecnológica em processos educomunicativos radica em pelo menos dois aspectos: a) a necessidade, já abordada, de incorporar novas formas de cognição e sensibilidade a um processo dialógico e co-participativo de construção de sentido que leva ao conhecimento; b) as características técnicas e culturais relacionadas ao meio rádio.

No que se refere ao primeiro aspecto, a incorporação do rádio como instrumento de mediação tecnológica disposto a aumentar o coeficiente comunicativo das ações educativas subentende uma capacidade de flexibilização do "discurso institucional escolar" de modo a tornar possível a inserção e a legitimidade no âmbito das práticas educativas dos "discursos institucionais não-escolares". Essas duas modalidades de discurso ou "ordens discursivo-institucionais" correspondem, tendo em vista um "conceito ampliado de educação", relacionado ao processo de descentramento dos mecanismos de produção informativa e do conhecimento, aos planos "formais" e "não-formais" da educação, conforme a abordagem de Adílson Citelli.[5]

[5] Cf. CITELLI, Adilson Odair. Meios de comunicação e práticas escolares. *Comunicação e educação*. São Paulo: Moderna, n.17, p. 30-36, jan./abr. 2000. À distinção entre a educação *formal* e a educação *não-formal*, Fernando Huelva acrescenta ainda uma terceira modalidade, a educação *informal*. Esse autor baseia em algumas características a distinção entre cada uma dessas modalidades de educação: **educação formal**: caráter escolar, situada dentro do sistema educativo graduado; **educação não-formal**: caráter não-escolar, situada fora do sistema educativo graduado; **educação informal**: não é sistematizada, o contexto (espacial, institucional) não é reconhecido especificamente como educativo, tem lugar espontaneamente, fruto da reação do indivíduo ao seu entorno social, não há intencionalidade educativa. De acordo com a distinção, oferece-se um quadro de afinidades entre a educação formal e a não-formal, a saber: são modelos de educação estruturada, sistematizada; os objetivos educativos aparecem explicitamente formulados; há intencionalidade educativa em ambos os casos; os papeis educativos aparecem institucionalizados (ou socialmente reconhecidos). Cf. HUELVA,

Ocorre que, para que a escola possa tirar proveito adequado dos discursos não-escolares, incorporando-os à dinâmica das trocas simbólicas fomentadoras do conhecimento no âmbito das práticas escolares, é imprescindível que se faça uma criteriosa assimilação desses discursos, o que passa, necessariamente, por uma apropriação das características técnicas e culturais relacionadas à forma de comunicação que se tenha em vista.

Portanto, ainda que os Parâmetros Curriculares Nacionais ou qualquer outro código de regulação da atividade educacional legitimem a possibilidade de transitar entre diferentes códigos e linguagens e de fazer uso de diferentes suportes e tecnologias comunicacionais, há que se ter em mente a necessidade de clareza dos critérios de reorientação pedagógica, de preparo teórico e técnico dos agentes mediadores.

> *Não se trata apenas de responder às solicitações dos documentos legais que orientam a escola no sentido de maior aproximação com as linguagens da comunicação e da abertura para novos suportes produtores de informação, mas é preciso verificar como o discurso pedagógico formal pode entrar em sintonia dialógica com tais linguagens sem perder as características dele, sem diluir num só paradigma o que possui de diversidade e particularidade epistemológica.*[6]

Desse modo, no que diz respeito ao uso do rádio como ferramenta de mediação tecnológica em processos educativos, impõe-se a necessidade de uma compreensão clara da técnica de funcionamento e das características de linguagem ligadas a este meio de comunicação. Nesse sentido, alguns aspectos merecem ser mencionados no presente trabalho.

Preliminarmente, cabe constatar o enorme poder de atração que o rádio exerce sobre as audiências numa época em que outros meios de comunicação, como a TV e, em escala crescente a Internet, já estão incorporados ao cotidiano das populações urbanas. A esse respeito, Adilson Citelli chama a atenção para uma pesquisa realizada pelo instituto Datafolha em 1993. A pesquisa constatou que o rádio continua a ser o meio de comunicação com maior número de espectadores na maioria dos segmentos sociais considerados segundo o critério de poder econômico ou de faixa etária.

A educomunicação, por meio de projetos como o Educom.radio, tem se constituído numa iniciativa no sentido da assimilação do rádio e de sua linguagem no cotidiano das práticas escolares. Essa iniciativa é enormemente facilitada e suas conseqüências pedagógicas são acentuadamente

---

Fernando L. N. Los médios de comunicación em la educación social: el uso de la radio. *Comunicar*, Andaluzia, n. 16, p. 141-148, mar. 2001.

[6] CITELLI, 2000, op. cit. p. 31.

promissoras em razão de uma característica própria do meio rádio e de sua linguagem, notadamente a ligação do rádio com a linguagem verbal: *o principal dispositivo que faculta ao rádio constituir campos de sentidos é a linguagem verbal. Vale dizer, a palavra está para o rádio, assim como a imagem está para o cinema, fotografia ou televisão*.[7]

É claro que se trata aqui da estrutura "verbal oralizada"[8], cuja expressão não decorre necessariamente de um texto escrito com antecedência, facultando improvisos e soluções ditadas pelas circunstâncias, a exemplo da transmissão radiofônica de uma partida de futebol, em que o radialista faz um uso performativo da linguagem oral com a finalidade de traduzir instantaneamente a seqüência de imagens que permite ao ouvinte visualizar o curso da partida, ou ainda da transmissão radiojornalística feita ao vivo, no caso de prescindir de um roteiro escrito.

Mas o fato é que essa característica da linguagem radiofônica tem enorme impacto sobre o potencial educomunicativo das ações pedagógicas que façam uso do meio rádio. Isso se deve basicamente ao fato de que a linguagem do rádio propicia contornar as barreiras impostas pela estrita formalidade da linguagem verbal na sua versão livresca e que levam à exclusão do discurso próprio daqueles que tem na oralidade assimilada no cotidiano das relações sociais e da relação com os meios de comunicação a sua forma prioritária de comunicação, isto é, de mediação com os objetos cognoscentes e com os outros sujeitos co-participantes na construção do conhecimento.

> *(...) a linguagem do rádio opera em um nível que podemos chamar de intermediário: isto é, nem se pratica uma língua amarrada aos ditames do extremo formalismo e da normatividade, como muitas vezes presente no jornal impresso, tampouco se exercita uma agramaticidade demais destoante, com desvios que, no limite, provocam desconfiança e desqualificação por parte dos ouvintes. Graças a esse nível intermediário é possível criar determinados efeitos expressivos que aproximam locutor e ouvinte (...) Enfim, no interior de uma linguagem "distensa", ao mesmo tempo em que sobram liberdades no uso de expedientes lingüísticos, ampliam-se mecanismos verdadeiros ou ilusórios de interação com os ouvintes.*[9]

Considerações metodológicas

---

[7] Idem. Linguagens da educomunicação: nas ondas do rádio. *Diálogos educomunicativos*. São Paulo: Núcleo de Comunicação e Educação, n. 1, 2003, p. 23.

[8] Ibidem, p. 23.
[9] Ibidem, p. 26.

Nosso objetivo, no presente trabalho, é abordar a inserção do meio de comunicação rádio na educação, tomando como foco o projeto EDUCOM.RÁDIO e a proposta de utilização do rádio como ferramenta de mediação tecnológica da produção de conhecimento no ambiente escolar, segundo a perspectiva da educomunicação. Nossa observação empírica recai, para tanto, sobre as linhas teóricas e práticas de orientação do projeto da forma como se encontram registradas em documentos e material pedagógico disponível no Núcleo de Comunicação e Educação, entidade executora do projeto. Também tomamos como dados para a pesquisa o depoimento de atores envolvidos na concepção, planejamento e execução do projeto e de agentes atuantes na fase atual de desdobramento do projeto em uma das escolas da rede pública municipal do município de São Paulo.

Pretendemos por à prova, por dessa observação parcial do objeto, a hipótese de que a inserção do rádio na escola como instrumento de mediação tecnológica, de acordo com os parâmetros de orientação do projeto EDUCOM.RÁDIO, proporcionou:

a) um aumento do coeficiente comunicativo das ações educativas, isto é, elevação do potencial dialógico das práticas educativas e do envolvimento efetivo dos diversos atores a partir de suas experiências, competências e saberes peculiares;

b) uma ressignificação do papel das tecnologias da comunicação na escola, deixando de ver essas tecnologias como meros aparatos técnicos de produção física de objetos, passando a percebê-las como instrumentos de mediação capazes de incorporar à dinâmica da produção coletiva do conhecimento as novas formas de cognição e sensibilidade ligadas à fruição de mensagens emitidas pelos MCM no cotidiano dos atores, trazendo, para o dia a dia da escola, uma nova relação com o conjunto de imagens e símbolos, códigos e linguagens do ecossistema comunicativo que constitui o entorno educacional difuso e descentralizado;

c) a incorporação à pauta de discussão do plano político-pedagógico da escola de um planejamento do uso dos recursos de comunicação e informação nas práticas curriculares e extra-curriculares;

d) a criação de mecanismos de gestão aberta e participativa dos instrumentos e práticas de comunicação da escola, com a incorporação dos diversos segmentos (professores, alunos, direção, coordenação, membros da comunidade, funcionários);

e) a instauração de um processo de consolidação da educomunicação como uma política pública que institucionaliza, em larga escala, uma proposta de atuação comprometida com uma concepção estratégica da relação entre comunicação e educação no município de São Paulo.

Para testar a validade dessas assertivas, levaremos em consideração os depoimentos de agentes envolvidos seja nas atividades do curso propriamente dito, seja nos desdobramentos atuais do projeto de rádio desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Teixeira.

Esses depoimentos foram recolhidos por nós na forma de entrevistas com atores que desempenharam ou desempenham diferentes funções na execução do projeto EDUCOM.RÁDIO. Privilegiamos o depoimento de entrevistados que representassem diferentes segmentos e, portanto, que proporcionassem diferentes visões do processo de implementação e desenvolvimento do projeto.

Assim, na perspectiva de captar a visão que norteou a intencionalidade inicial dos executores do projeto, entrevistamos agentes que estiveram envolvidos na sua concepção e execução, seja como formuladores da macro-visão configurada na proposta teórica da educomunicação e no propósito de promover a inserção dos meios de comunicação no ambiente escolar, caso do prof, Dr. Ismar de Oliveira Soares, da Universidade de São Paulo, pesquisador de renome internacional na área da inter-relação comunicação/educação, coordenador geral do NCE e supervisor geral do projeto.

No que diz respeito ao andamento atual do projeto na escola, optamos por entrevistar um grupo de professores e alunos que estão atualmente vinculados às atividades envolvendo o uso do rádio na escola.

Cabe observar que, no caso das entrevistas, julgamos por bem baseá-las em roteiros específicos, observando a posição peculiar de cada ator envolvido no projeto. Tal procedimento ampara-se no entendimento de que a entrevista é um instrumento cuja eficácia depende da capacidade de interpelar o interlocutor, baseando-se na sua condição específica como agente de um determinado processo. Seu discurso não é, como se poderia erroneamente esperar, uma voz que se eleva de uma condição indeterminada para se fazer juízo abstrato, mas é discurso derivado de uma práxis específica que revela uma dada condição do ator, o olhar próprio que ele lança sobre a sua realidade, ajudando a compor um quadro constituído de múltiplas perspectivas. Cabe ao pesquisador analisar o conjunto dos depoimentos distintos, explorando as possíveis contradições e coincidências reveladoras de uma dada realidade mais abrangente. É em face dessa postura metodológica que elaboramos os roteiros que nortearam as entrevistas e que seguem em anexo no presente trabalho.

Por fim, deve-se notar que o recorte que fazemos do objeto empírico de nossas indagações é parcial e o olhar que lançamos sobre ele não tem a pretensão de explorar à exaustão a complexidade do projeto EDUCOM.RÁDIO na sua totalidade, o que necessitaria o desenvolvimento de uma pesquisa de grande escala que tomasse como objeto empírico as mais de quatrocentas escolas beneficiadas com o projeto. Ao limitar o nosso recorte empírico, visamos fortalecer o sentido da nossa

hipótese na perspectiva de abrir possibilidades de caminhos de abordagem que uma pesquisa maior, que um conjunto de pesquisadores poderia empreender.

Trata-se, aqui, portanto, de comprovar a validade de uma perspectiva e o seu potencial de ampliação quanto ao recorte empírico. Ao experimentar uma perspectiva, um modo de olhar dirigido ao objeto, julgamos poder estabelecer uma plataforma inicial a partir da qual se podem construir e aperfeiçoar instrumentos de análise, visando a uma apropriação mais audaciosa do objeto.

O Educom.rádio

O programa EDUCOM.RÁDIO – *Educomunicação pelas Ondas do Rádio,* foi formulado a partir do EDUCOM – Programa em Educomunicação**,** desenvolvido pelo NCE com o objetivo de formular, implementar e avaliar políticas de gestão de processos comunicacionais em ambientes educativos [10]. As atividades do EDUCOM.RÁDIO tiveram início em setembro de 2001, com o propósito de capacitar integrantes do ensino fundamental da rede pública municipal, facilitando a aquisição de conhecimentos e das habilidades indispensáveis para que promovam os diferentes modos de comunicação em sala de aula e no conjunto da prática educativa para a promoção da paz [11].

A proposta estruturada pelo NCE, e executada durante o período de setembro de 2001 a dezembro de 2004, buscou representar um avanço na redefinição do conceito de extensão universitária e vinha ao encontro de uma nova postura da prefeitura do município de São Paulo no tocante à disposição de implementar ações inovadoras no quadro do sistema municipal de ensino. Compunha-se, assim, um quadro político que favorecia o engendramento de novas parcerias entre instituições e a abertura para a implementação de novas propostas, com a possibilidade de reconfigurar parcialmente as estruturas vigentes no sistema de ensino. É forçoso notar que as concepções que o NCE vinha então desenvolvendo no sentido de propor alternativas portadoras de uma nova visão acerca da relação entre comunicação e educação contemplavam a disposição da nova administração municipal no que diz respeito à centralidade atribuída a conceitos norteadores, como *participação*, *dialogicidade*, *formação para a cidadania* e *inclusão social*.

Essas novas diretrizes passaram a figurar na pauta da Secretaria de Educação do Município de São Paulo a partir de 2001, quando o Prof. Dr. Fernando José de Almeida[12] assumiu o posto de Secretário de Educação e adotou uma linha de trabalho baseada numa concepção da escola como um espaço democrático e promotor da cidadania, fundando sua(s) política(s) na tríade: democratização da gestão da escola; democratização do acesso e garantia da permanência; construção da qualidade social

[10] EDUCOM – PROGRAMA DE EDUCOMUNICAÇÃO. São Paulo: NCE, 2000.
[11] Ibidem.
[12] Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, foi secretário de educação do município de São Paulo entre janeiro de 2001 e fevereiro de 2002.

da educação. Esse plano de ação foi a publicado no Caderno EducAção[13]. O objetivo era tornar esse documento o gerador e o instigador da política educacional da Secretaria Municipal de Educação que então se iniciava, como também referendar a criação de espaços oficiais e legítimos para o diálogo com a comunidade escolar e a sociedade.

Análises e reflexões

Uma das mais decisivas questões que um olhar inquiridor pode lançar sobre o projeto Educom.rádio diz respeito a uma das suas metas mais incisivas e fundamentalmente ligadas aos princípios teóricos e práticos que demarcam a intencionalidade que conduziu o empreendimento como um todo. Trata-se de saber, afinal, se o projeto Educom.rádio foi realmente capaz de propiciar às escolas que participaram do processo de formação encabeçado pelo NCE um real aumento do coeficiente comunicativo das ações educativas, isto é, elevação do potencial dialógico das práticas educativas e do envolvimento efetivo dos diversos atores a partir de suas experiências, competências e saberes peculiares.

Está claro que uma resposta cabal a uma indagação dessa natureza só pode ser obtida com base em uma inquirição empírica de grande alcance, dotada de critérios estatísticos de validação e controle de dados. Uma tal abrangência de esforços foge ao alcance da nossa pesquisa no presente trabalho. De nossa parte, trata-se, tão somente, de apontar, no interior de um quadro empírico composto pelos componentes estruturais do projeto e pelo depoimento de alguns atores que dele fizeram e fazem parte, os traços que apontam para uma afirmação ou negação da perspectiva dialógica, da dinamização do aspecto da comunicação como dimensão estratégica do fazer educacional e da capacidade de fazer emergir os saberes e competências constituintes da identidade dos atores envolvidos no processo educacional. Traços esses que podem ser tomados como índice de êxito ou de fracasso das ações que constituíram o projeto Educom.rádio. Para tanto, é necessário partir de aspectos da caracterização do próprio projeto, para encontrar aí fatores que apontem para a elevação do coeficiente comunicativo das ações educativas.

A idéia de gestão participativa, presente no projeto, representa assim o princípio de um novo pacto de relações, que desencadeia um processo que tende a incorporar mais e mais pessoas e a dar conseqüência prática às diretrizes adotadas na esfera do poder político. Voltaremos a falar desse aspecto relativo à gestão, pois ele tem a ver com uma hipótese específica do nosso trabalho. Por ora, queremos ressaltar que a discussão em torno da gestão da rádio na escola, na medida em que envolve diversos segmentos da vida escolar (dirigentes municipais, direção da escola, coordenação, professores, alunos e membros da comunidade escolar), tem por efeito criar um espaço de interlocução

[13] SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de educação. Diretoria de Orientação Técnica. *EducAção*. N. 2. São Paulo, 2001.

que contribui para ativar os nexos dialógicos entre instâncias institucionais e atores, tornando-se uma forma de resistência contra a inércia e o isolamento, reativando o papel social e político dos sujeitos envolvidos e das instituições que representam.

Habilidades, como a leitura e a escrita, a capacidade de pesquisar conteúdos em diversas fontes e a discussão que se dá em torno desses assuntos, têm sido estimuladas, a partir da experiência que ocorre nas atividades de produção de rádio na escola. Mas isso não é tudo. Essas habilidades têm sido estimuladas de uma maneira especial, que faz emergir o jogo dialógico da comunicação presente na relação entre sujeitos isentos de qualquer hierarquia. A palavra deixa de ser aí resposta temerosa a um comando que parte da autoridade constituída; passa a ser, autenticamente, palavra de um sujeito que se manifesta diante dos seus pares, isenta do medo, da censura da recriminação: é pura ação comunicacional no jogo comunicacional entre sujeitos iguais.

Observemos o que diz o aluno Cássio, 12 anos, aluno da 7ª. Série: "*Eu sou o locutor na rádio, então tenho que ler tudo que a Isabela faz. E tanto ela como eu fazemos pesquisas na Internet, em que lemos tudo e entendemos mais dos assuntos*."[14] Aí encontramos princípios caros a uma educação emancipadora: em primeiro lugar, a leitura crítica de um texto, pronta a lançar indagações sobre ele, porque o texto em questão não está revestido da autoridade do livro escolar; reconhece-se o sujeito que o produziu como um igual; reconhece-se a fonte do texto escrito na sua dimensão humana, falível; perde-se, assim, o *medo* da linguagem, escapando-se ao *terror* da página impressa; a leitura que se faz é uma leitura plena, na qual o sujeito entrega-se todo à busca do sentido, com o intuito de fazer seu esse sentido e, logo, de todos os outros, pela elocução oral que chegará em ondas a outros sujeitos, estes também iguais, parceiros, humanamente reconhecíveis.

Temos aí também a menção à atividade da pesquisa, na radicalidade do papel pedagógico que uma pesquisa pode ter, pois voltada para a realização de uma necessidade livremente assumida e cara ao sujeito. Mais que isso, a necessidade de pesquisar tal tema se tornou uma necessidade para o empreendimento assumido pelo grupo, é realização coletiva, que se faz por intermédio de um intercâmbio permanente de interpretações e sentidos, buscando estabelecer critérios de seletividade, de síntese, de clareza. Os conteúdos deixam de ser mero protocolo de resposta ao requisitório escolar, são conteúdos buscados com a pinça do desejo, amparado pela crítica das fontes. Mais que isso, essa plenitude cognoscente da atividade de pesquisa irradia-se para a vida escolar do aluno, instaurando uma nova postura em relação à abordagem dos conteúdos ministrados em sala de aula. É o que se vê no depoimento de Sabrina, 13 anos, aluna da 7ª. série: "*Depois do rádio eu percebi que as coisas que eu estudava poderia colocá-las aqueles assuntos estudados nas pautas dos programas.*"[15]

---

[14] Cf. anexo 8.
[15] Cf. anexo 6.

A emergência do sujeito cognoscente na sua plenitude não fica, no entanto, restrita ao universo da escola, espraia-se por todas as dimensões da vida do indivíduo, refletindo-se na sua relação com a cultura, evidenciando-se na sua relação com os produtos culturais aos quais ele tem acesso mediante os meios de comunicação: "*eu escutava rádio e não prestava bastante atenção, só prestava atenção nas músicas. Mas agora não, presto mais atenção nos assuntos porque podem me ajudar bastante na hora de fazer as pautas aqui.*"[16]

Vê-se aqui que uma atividade propiciada pela escola tornou-se, de fato, instância de mediação em relação à cultura midiática, propiciando uma nova postura de recepção em relação às mensagens, redimensionando o papel do sujeito. Este, por sua vez, sai da sua condição passiva de mero receptor para a de sujeito de uma interpretação que mobiliza o conjunto dos saberes adquiridos na experiência compartilhada com os seus pares e que se alimenta constantemente dessa experiência vivida. A escola, portanto, deixa de ser uma esfera separada da vida cotidiana, funde-se com a experiência integral da vida do jovem, dialogando com todos os valores simbólicos presentes.

Lembremos que se trata de um objetivo explícito da educomunicação, o de romper com a dicotomia entre os conteúdos escolares e os não-escolares, com a dissociação irreconciliável entre aquilo que é legítimo tratar no curso das atividades escolares e aquilo que é o produto indigente da indústria cultural consumido na esfera profana da fruição midiática. O que nos remete mais uma vez à alternativa posta por Guillermo Orozco e à resposta que ele propõe diante do dilema imposto aos educadores pelos meios de comunicação de massa:

> *(...) ou enfrentamos os MCM com astúcia, estratégia e métodos ou corremos o risco de perder a relevância como educadores. Isto é, corremos o risco de ficar fora da "jogada educativa". (...) Temos que começar a jogar o que considero seja o jogo da mediação, entre os MCM, as instituições educativas e os processos de recepção de mensagens nos quais se envolvem os nossos estudantes.*[17]

O papel de mediação exercido pela escola, a partir da introdução de um instrumento de mediação tecnológica como o rádio e do conjunto de atividades voltadas para o funcionamento do rádio na escola, propicia uma nova postura interpretativa do sujeito diante dos conteúdos e da linguagem midiática "*agora [quando ouço rádio] eu presto mais atenção nos assuntos, nas notícias que são bastante importantes também, antes só fazia escutar música*"[18]; "*Antes eu gostava só de Rap e Black. Agora eu gosto de tudo um pouco, agora estou percebendo mais o que é o rádio, porque*

[16] Cf. anexo 6.
[17] GOMEZ, Gullermo Orozco.Op. cit.
[18] Cf. anexo 8.

antes só via como uma caixinha de música, e vejo hoje que é muito mais que isto."[19], o que possibilita dinamizar os espaços informais de diálogo existentes no cotidiano da escola, potencializando esses espaços como forma de mediação cultural que incorpora formas e conteúdos escolares e não-escolares ao exercício espontâneo do diálogo informal. E, o que é igualmente relevante, dá-se aí a configuração de um ambiente de sociabilidade que, sem interferências externas, sem qualquer medida de coerção, passa a se constituir fundamentalmente pelo diálogo como forma de relação. O intercâmbio simbólico livremente estabelecido por iniciativa dos indivíduos substitui o jogo da violência como relação social.

Esse ambiente de sociabilidade reconfigurado faz-se atendendo a uma antiga expectativa, objeto de preocupação da gestão educacional na maioria dos projetos especiais implementados: a participação da comunidade na vida da escola. Observemos o que diz a aluna Daiane:

> *Eles participam, dão opinião. A maioria dessas pessoas já foram alunos da escola e daí existe um incentivo maior no trabalho, para aqueles que nos ajudam que são pais de alunos. Eles só transformam o espaço do rádio num tom mais comunitário, e isso torna a rádio mais dinâmica, por não se tratar de assuntos só da escola.*[20]

E o clarividente depoimento da aluna Thais:

> *Antes ficávamos parados, o intervalo ficava sem graça porque, além do lanche, as pessoas ficavam só conversando. E agora ficamos escutando notícias, e o melhor é que nós da rádio que damos as notícias. Uma outra coisa bem legal são os temas discutidos nos nossos programas. Ás vezes trazemos alguém da comunidade, alguém do Posto de Saúde. Podemos dizer que o Rádio esta sendo a ponte entre a comunidade e a escola.*[21]

Na mesma linha de afirmação do vínculo entre escola e comunidade propiciado pelo desenvolvimento do projeto de rádio na escola, temos o depoimento do professor Vagner de Castro, da EMEF Pedro Teixeira. Ele enfatiza o vínculo criado a partir da experiência de participação na rádio, que permanece atraindo ex-alunos que continuam participando da vida escolar:

> *Aqui na escola Pedro Teixeira, nós desenvolvemos várias atividades, e o que é mais interessante, a formação que nós buscamos passar para os alunos. Até mesmo quando eles mudam, se formam, saem dessa unidade escolar, fica um vínculo, mantém-se um vínculo. E é um fator que temos que considerar. Tanto é que muitos ex-alunos, a maioria deles, administram e*

[19] Cf. anexo 8.
[20] Cf. anexo 4.
[21] Cf. anexo 7.

> *estão à frente do projeto. Você traz a comunidade e esses alunos, que muitas vezes ficam ansiosos, eles estão dentro da escola fazendo uma programação útil, levando informação, música e levando um pouco de descontração.*[22]

Note-se a importância que tem o vínculo entre a comunidade e a escola. Nas periferias das grandes cidades, a escola é freqüentemente o centro referencial de uma sociabilidade comunitária. O fator político desse papel social da escola não é de pouca importância; numa realidade social em que o Estado caracteriza-se pela dificuldade de prover a população mais pobre dos serviços básicos e mesmo de demarcar a sua presença junto à comunidade, a escola assume o papel de marco referencial da presença do Estado, marco este que representa a existência de normas sociais e torna-se, muitas vezes, o último bastião da sociedade contra a anomia e a dissolução completa de valores coletivos.

Evidenciamos, também, o desencadeamento de uma relação entre segmentos da vida escolar que atestam uma postura de responsabilidade e uma preocupação com a gestão democrática de um empreendimento coletivo. Podemos dizer que o funcionamento da rádio na escola reaproxima segmentos que costumeiramente têm sua relação prejudicada pelo senso hierárquico das relações tradicionais zelosamente mantido pela escola conservadora: os segmentos de alunos e professores e até da direção e da coordenação escolar. Tudo isso em razão da emergência de um projeto comum, encarado como realização que rompe as fronteiras coorporativas e a dicotomia exclusivista entre aqueles que pensam e determinam o que deve ser a vida na escola e aqueles que recebem e obedecem a essa determinação.

Indícios desse nível ampliado de diálogo e participação vêm do depoimento dos próprios alunos: *"Falo quando tem reuniões e falo também com os professores e meus colegas de sala de aula, para saber um pouco como vão os nossos programas e também para saber o que eles querem escutar na nossa rádio ."*[23] Ou: "*...discutimos sobre vários assuntos, desde como vamos fazer o programa até aquilo que os nossos colegas gostariam de escutar na rádio.*"[24]

A mesma percepção de que a rádio tem promovido uma ampliação da cadeia de diálogo e interlocução, da teia de sociabilidade que integra os sujeitos à existência coletiva, é reforçada pelo depoimento do professor André Santos:

> *Agora nós temos algumas idéias de fazer algumas coisas conjuntas, como na quinta-feira nós temos um programa que os professores fazem, que o Vagner, o Paulo e o Carlos fazem, onde estamos trabalhando algumas pautas conjuntas, dependendo de algumas apresentações ao vivo entre*

[22] Cf. anexo 3.
[23] Cf. anexo 5.
[24] Cf. anexo 4.

> *alunos e professores. (...) As informações que são passadas através das pautas que os estudantes fazem são do interesse deles. Então eles acabam prestando atenção, tentando saber o que está acontecendo, se interessando, querem participar também, querem discutir para darem alguma sugestão. Eles falam "por que você não faz aquela pauta, por que você não traz aquela música que tem a ver com isso...". Então acabou gerando esses efeitos.*[25]

Já o professor Vagner de Castro, quando indagado sobre a possível melhora nas relações de comunicação na escola a partir da criação da rádio, respondeu:

> *Com certeza, porque você melhora o canal de comunicação entre todos, entre direção, professores, funcionários e principalmente o aluno. A escola é um local onde acontecem várias atividades e projetos, e muitas vezes as pessoas não sabem o que acontece aqui. Em um grupo de formação de professores, por exemplo, nós temos a jornada de especial integral. Dentro dessa jornada, acontecem discussões sobre informações. Muitas vezes o aluno ou a comunidade não está a par do que acontece em relação... há problemas relevantes à educação. Então eu acho que ele facilita bastante e tem mais um ponto: todas as escolas que conheço, e que têm o projeto Educom.rádio, têm diminuído o índice de violência de agressão física. É um projeto que visa à questão da ampliação dos laços de amizade e solidariedade, que é muito importante.*[26]

Em tudo isso, evidencia-se que a adesão em relação ao esforço de realização é espontânea, fruto de uma deliberação do próprio sujeito amparado pelo desejo de estar junto de ser co-participante de um projeto coletivo, que não lhe foi imposto e sobre o qual o grupo detém inteira responsabilidade. Esse desejo de adesão e o conseqüente esforço participativo advêm da emulação produzida pelo trabalho coletivo e pelo sentido de realização subjetiva presente na produção de um programa de rádio cujo resultado será apreciado não perante o alto juízo escolar, externo ao aluno (o professor como encarnação do poder sacralizado, que decide o que é certo e o que é errado, que premia ou penaliza os acertos ou erros e que só através disso afirma ou nega as qualidades do sujeito sobre o qual exerce um poder inquestionável), mas perante a sensibilidade de seus pares.

Note-se que, constatada essa ampliação do coeficiente comunicativo das ações educacionais por via da implementação da rádio, é no mínimo surpreendente que se consiga transpor as barreiras de

[25] Cf anexo 2.
[26] Cf. anexo 3.

resistência, anulando a tendência ao imobilismo resultante de um princípio conservador que ainda se faz presente nas instituições escolares e se contrapõe a iniciativas que podem abalar as velhas fórmulas hierárquicas na relação entre professor e aluno. Como bem salienta o Professor Doutor Ismar de Oliveira Soares, supervisor do NCE e do projeto Educom.rádio:

> *(...) quando educadores e comunicadores se deparam com o conceito de Educomunicação, como ele está sendo pensado, elaborado a partir do Núcleo de Comunicação e Educação, muitos demonstram certa resistência; a resistência dos educadores para com o fato de que a Educomunicação prega uma comunicação dialógica, uma relação de igualdade entre os que pronunciam a palavra, isto é, professor, aluno, diretor de uma escola, membro da comunidade. Pela Educomunicação ele tem o mesmo direito de se expressar e o mesmo direito de ter acesso aos veículos e recursos da comunicação.O educador já entende que cabe a ele, professor, ter a primazia do direito da fala e transmissão do conhecimento. E o aluno é um aprendiz que vai aprender até mesmo a falar, e ele está sujeito a uma regra de conduta do espaço educativo, que é a regra do professor/aluno, instrutor e aprendiz no processo de ensino.*[27]

Considerações finais

Antes e durante a realização do nosso trabalho, na trajetória de estudos e diálogos que mantivemos, não identificamos outra experiência de rádio educativo que tivesse a dimensão, a densidade teórica e o grau de ineditismo do projeto Educom.rádio, num percurso que vai desde as primeiras iniciativas de Edgard Roquette-Pinto aos dias atuais. Não temos dúvidas ao afirmar que o Educom.rádio coloca em outro patamar teórico e prático as possibilidades de utilização do rádio como recurso de mediação tecnológica a serviço da educação.

Essa constatação se deve tanto ao escopo do projeto – o fato de estar voltado para 455 escolas de ensino fundamental que compõem a maior rede de escolas municipais do país, ao número de pessoas que estiveram envolvidas (uma equipe de mais de mil profissionais mobilizados pelo NCE e um público de cerca de dez mil pessoas atendidas, entre coordenadores pedagógicos, professores, alunos e membros da comunidade escolar) – quanto pelo fato de se tratar de um projeto realizado pela intersecção entre o trabalho de *pesquisa acadêmica* realizado dentro da maior universidade do país, a *extensão universitária*, pensada como intervenção social efetiva da instituição universitária, e a idéia de *política pública* pensada como institucionalização de novos valores e procedimentos na prática

[27] Cf. anexo 1.

social dos sujeitos viabilizada pela intervenção do Estado que fornece os recursos materiais e humanos, além do amparo legal para a renovação do modo de ser e de atuar da instituição escolar.

No nosso trabalho, pudemos observar que o projeto Educom.rádio estabelece-se como marco divisório entre uma visão ainda rudimentar, que concebe o rádio como mero instrumento, um acessório técnico na tentativa de divulgar conteúdos de caráter educativo na sua acepção mais formal a um número maior de receptores, e uma outra concepção, que emprega o recurso de mediação tecnológica com a finalidade de criar situações de envolvimento e participação que levem a um aumento do coeficiente comunicacional das ações educativas, criando canais de expressão que possibilitem o intercâmbio simbólico entre formas outras de saber e sensibilidade, experiências e competências que não encontram via de manifestação sob a forma exclusiva e excludente do logocentrismo que faz da escrita a única linguagem legítima.

Temos, então, um processo que instaura uma ressignificação do papel das tecnologias da educação na escola, assente na ideia de que a comunicação é uma dimensão estratégica da práxis educacional e na perspectiva que visa romper velhos ranços de tradicionalismos hierarquizáveis, como o que entende a educação como um processo de transmissão de saberes entre dois polos, o da emissão de enunciados rematados e reconhecidamente legítimos e o da recepção passiva e condescendente de um público incapaz de elevar-se à condição de sujeitos. Sabemos, desde a intervenção de Paulo Freire, verdadeira "alfabetização" da educação em matéria de comunicação, que essa postura mascara uma estratégia de poder e submissão que confisca o direito do sujeito à sua própria palavra e afasta a relação essencial entre o conhecimento e a vida autêntica que se dá na práxis das relações sociais em que um indivíduo constrói o conhecimento no intercurso comunicacional com outros indivíduos.

É o resgate dessa dimensão dialógica da produção coletiva do conhecimento que se impõe hoje como desafio aos educadores. Mais ainda, é o reconhecimento de que esse intercâmbio dialógico se dá hodiernamente no contexto de um ecossistema educacional como entorno simbólico de trocas comunicacionais, no qual os meios de comunicação logram reconfigurar o horizonte cultural e os marcos referenciais que ancoram a identidade individual e coletiva dos sujeitos. Reconhecer a comunicação como dimensão estratégica da educação consiste, pois, em abrir a práxis educacional para que ela possa ser permeada por esse ecossistema comunicativo e, com isso, trazer para o exercício diário dessa práxis as forças volitivas que fazem de cada indivíduo co-participante na construção compartilhada do conhecimento.

Por fim, foi-nos possível observar que o projeto Educom.rádio transcendeu os limites de uma ação intra-muros da escola e conseguiu mobilizar pessoas e instituições no processo de construção de uma política pública de educomunicação para o município de São Paulo. Partindo de uma iniciativa de

intervenção desencadeada por uma parceria institucional entre o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo e a Secretaria Municipal de Educação, conseguiu-se chegar à aprovação e homologação de uma lei específica, normatizando a adoção da educomunicação como conjunto de diretrizes a ser adotado por uma grande rede de instituições escolares. Temos, nesse sentido, o exemplo paradigmático de como uma ação social pode ampliar o seu alcance, a ponto de redesenhar os procedimentos institucionalizados da atuação educacional.

Acreditamos que, em grande medida, o retrato que conseguimos esboçar se deveu a opção metodológica de captar o significado da experiência multifacetada que foi o Educom.rádio a partir do depoimento de alguns dos seus atores destacados que relataram, por meio de entrevistas, a percepção estabelecida em função da sua própria prática. Queremos crer que outras abordagens serão pautadas por essa mesma opção metodológica ou por outra que faça uso de critérios estatísticos de avaliação e de novos referenciais teóricos. De nossa parte, sentimo-nos realizados pelo fato de vir agregar nossa interpretação parcial a essas outras na composição de um promissor diálogo de elucidação do objeto de nossa análise.

Referências

ADAMI, Antônio. *Radioconto, radioromance, radiopoesia*: *o rádio educativo*. Revista USP, São Paulo, n. 56, p. 86-91, dezembro/fevereiro 2002-2003.

BALSEBRE, Armand. *El lenguaje radiofônico*. Madri: Cátedra, 2000.

CITELLI, Adilson Odair. *Meios de comunicação e práticas escolares.* In: *Comunicação e educação*. São Paulo: Moderna, n.17, p. 30-36, jan./abr. 2000.

_____. *A escola e os discursos não didáticos*. In: *Comunicação e Educação*, São Paulo: Moderna, n. 8, p. 27-34, jan./abr. 1997.

_____. Linguagens da educomunicação: nas ondas do rádio. *Diálogos educomunicativos*. São Paulo: Núcleo de Comunicação e Educação, n. 1, 2003.

FERRARETO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica.* Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1977

GOMEZ, Gullermo Orozco. *Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos. Comunicação e Educação*. São Paulo: Moderna, n.10, p. 5-68, set./dez. 1997.

EDUCOM – PROGRAMA DE EDUCOMUNICAÇÃO. São Paulo: NCE, 2000.

BRASIL. Secretaria de educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio. Brasília: 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: um campo de mediações*. *Comunicação e educação*. São Paulo: Moderna, n.19, p. 12-24, set./dez. 2000.

_____. Educomunicação: conceito, abrangência e especificidades. Diálogos educomunicativos. São Paulo: Núcleo de Comunicação e Educação, n. 1, 2003.

_____. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 23, p. 16 a 25, jan/abr. 2002.

***** Importante destacar que este artigo é um recorte da dissertação de Mestrado defendida por um membro do grupo: Elvis W Santos, em 2006, na Universidade Paulista, acrescentamos ainda que neste estudo deixamos nos anexos as entrevistas feitas para construção da pesquisa.

ANEXO 1

ENTREVISTA PROFESSOR DR. ISMAR DE OLIVEIRA SOARES

Coordenador Geral do Educom.Rádio

Atuação profissional: Professor e Pesquisador da Escola de Comunicações e Artes da Usp. Pesquisa e desenvolvimento: Educomunicação; Comunicação e Educação.

Livre-docência. USP. *Título:* A Contribuição das Ciências Sociais para a Avaliação dos Programas de Educação e Comunicação, *Ano de obtenção:* 1991.

Pós-Doutorado. Marquette University Milaukee Wisconsin, MU, Estados Unidos. 2000.

Doutorado em Ciências da Comunicação. USP.*Título:* Do Santo Ofício à Libertação - O discurso e a prática do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a Comunicação, *Ano de Obtenção:* 1986.

Mestrado em Ciências da Comunicação. USP, Brasil. *Título:* A Morfologia e o Conteúdo dos Boletins Diocesanos Católicos, *Ano de Obtenção:* 1980.

Graduação em Comunicação. Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero, FCSCL, Brasil. 1970.

Graduação em Filosofia. Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena, FSFLL, Brasil. 1965.

COMO O SR. OBSERVA A EVOLUÇÃO DA IMPORTÂNCIA ADQUIRIDA PELA INTER-RELAÇÃO COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO NO PANORAMA EDUCACIONAL ATUAL?

Estamos falando a respeito de como em termos de atitudes dos sistemas de educação, rádio e comunicação mas com essa aproximação que vem ocorrendo. Então se trata de buscar dados de realidade. No caso da realidade eu levantaria em consideração o fato de que o jornal de São Paulo, chamado Jornal da Tarde, frente à análise que fez sobre sua presença na sociedade paulistana, é apontado para uma crise que fez com que o jornal terminasse o ano de 2004 com um grande déficit, tendo se recuperado no final de 2005 verificando que sua retomada se deveu ao fato de que o jornal já conhecia que existiam alguns temas na sociedade que eram secundários para a mídia. Foi aí que se deu sustentação no seu revigoramento.

Um desse temas era a questão da análise do consumo, ou da educação para o consumo. Outra era a vida na grande Metrópole, educação de como se viver na Metrópole.

O terceiro tema era a questão do 3° setor ou de como colaborar para que empresas pudessem estar colaborando com a população ao redor de suas fábricas e escritórios. E finalmente um quarto item que é a Educação como uma mídia, um meio impresso, como poderia estar colaborando com o sistema educacional. E no caso, esse jornal, que é o Jornal da Tarde. Eles nos convidaram justamente para fazermos uma empreitada através de um processo de colaboração, no sentido de produzir uma página voltada para sala de aula. Então e o jornal nos colocava essa missão.

Como vocês trabalhariam a partir da perspectiva da Educomunicação, conteúdos do dia-a-dia da sociedade, claro que conteúdos que se referem à questão do trânsito, a celebração dos heróis nacionais como Tiradentes, questões relacionadas á matemática, ciências físicas, biológicas, humanas e assim por diante.

O núcleo de comunicação e educação convocou um grupo de estudantes de pós-graduação, mestrado e doutorado que tomaram em si a empreitada onde já estamos neste momento trabalhando normalmente para o jornal, tendo saído já a quinta matéria dominical a respeito de um dos temas. O último tema foi a respeito de futebol, com trabalhar em sala de aula a questão do futebol tendo passado pela questão da Mata Atlântica, tendo passado pela questão da Publicidade em sala de aula, a questão do xadrez, que envolve a matemática, celebração do dia de Tiradentes e assim por diante.

Então eu estou apontando para uma demanda que nos vem de um jornal que contrata uma equipe entre as quais estão ligadas há algumas pessoas que são Educomunicadoras, onde uma delas é formada no próprio Educom.rádio, e que hoje serve ao jornal nesta linha.

Se nós sairmos da mídia, vamos encontrar um Ministério, o Ministério do Meio Ambiente , que descobre que a simples publicidade, o uso das campanhas publicitárias, o uso do release ou dessas coisas de imprensa, não estava resolvendo a sua relação com a população, isto é, a relação da educação ambiental com a população. E então resolve procurar assessoria para aplicar a Educomunicação no âmbito da chamada educação ambiental criando uma área de interjeição chamada Educomunicação Sócio Ambiental. Inclusive foi produzido um documento e além do documento também Brasília abriu uma linha de crédito para que as pessoas pudessem entender e aplicar o conceito da Educomunicação.

No canto da educação formal, vamos dizer assim um campo da atuação do Ministério da Educação, nós vamos ter a Educomunicação presente nos mais recentes cursos patrocinado pelo MEC, que é um curso de mídia e comunicação em que o NCE assume o módulo rádio a partir da perspectiva Educomunicativa.

Se formos para o ensino particular nós temos hoje o Colégio São Luiz desenvolvendo também essa prática.

Nós vemos que hoje existe uma indagação com a procura. O conceito Educomunicação tem 100 mil referências sendo que há dois anos atrás no passado de 1.500. E a demanda em torno de custos desta área continua grande. Eu diria que a sociedade começa a despertar para o tema e isso passa a gerar também dispositivos, leis e procedimentos que ditariam o conhecimento do conceito.

NO QUE RESPEITA AOS GOVERNOS, ÀS INSTITUIÇÕES ENCARREGADAS DE PROMOVER POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO, O SR. PERCEBE UMA BOA RECEPTIVIDADE EM RELAÇÃO A EDUCOMUNICAÇÃO?

A relação entre os educadores e a Educomunicação é uma relação que espelha os pontos de referência de cada área já estabelecida. No caso nós temos uma área estabelecida, um campo estabelecido que é o campo da educação, um estabelecido que é o campo da comunicação, e a Educomunicação é vista pelas pessoas que atuam nos dois campos a partir de um desdobramento de sua própria área.

O comunicador vê a Educomunicação como algo decorrente da sua prática de comunicador. E o educador pela sua vez vê como algo decorrente da sua prática de educação. No entanto, a Educomunicação tem alguns elementos que são específicos dela, que não derivam da comunicação ou da educação. Porém quem deriva da luta social dos últimos 40 anos eu diria o seguinte**:** Muitos educadores olham o Educomunicação como algo viável, plausível enquanto procedimentos que viriam melhorar a prática educativa. E alguns olham o Educomunicação, os comunicadores com algo que viria expandir o campo de atuação da comunicação.

No entanto quando educadores e comunicadores se deparam com o conceito de Educomunicação, como ele está sendo pensado, elaborado a partir do Núcleo de Comunicação e Educação, muitos demonstram certa resistência. A resistência dos educadores para com o fato de que a Educomunicação

prega uma comunicação dialógica, uma relação de igualdade entre os que pronunciam a palavra, isto é, professor, aluno, diretor de uma escola, membro da comunidade. Pela a Educomunicação ele tem o mesmo direito de se expressar e o mesmo direito de ter acesso aos veículos e recursos da comunicação.

O educador já entende que cabe a ele, professor , ter a primazia do direito da fala e transmissão do conhecimento. E o aluno é um aprendiz que vai aprender até mesmo a falar, e ele está sujeito a uma regra de conduta do espaço educativo, que é a regra do professor/aluno, instrutor e aprendiz no processo de ensino.

A Educomunicação por outro lado vai colocar como grande meta para a produção comunicativa não o mercado, o Educomunicador não produz para o mercado mas produz para a cidadania. Isso incomoda o discurso comunicativo uma vez que a comunicação existe quanto uma indústria dentro do universo capitalista de produção de informações. Ela vende informações. E para existir o meio de comunicação de uma instituição governamental tem que ser mantido pelo mercado. E nos descasos ela necessita para sobreviver estar adequada para quem paga a conta. Ou o sistema publicitário ou o próprio governo.

A Educomunicação desconhece esses limites, porque ela tem como referencia suprema e exclusiva a prática da cidadania, o direito de expressão das pessoas. A Educomunicação por tanto se coloca no âmbito do cruzamento entre comunicação e educação tendo como ponto terminal à ampliação e a possibilidade de expressão das pessoas dentro do exercício do direito da fala, não mais reconhecida apenas como direito de quem detém os meios de comunicação que é o chamado direito de imprensa mas com o direito universal de todo cidadão.

A resistência do sistema formal de comunicação é muito grande, e ele significaria no caso a criação de obstáculos para que a Educomunicação não penetre no seu espaço.

E nesse sentido nós dizemos que especialmente a Educomunicação poderá ser praticada na sua integridade. E vale conta que ela permanentemente está conquistando espaço, seduzindo instituições e pessoas para ir penetrando nos ambientes de uma forma tranqüila permitindo um diálogo que vá ampliando a sua presença à medida que ela vai cativando as pessoas, cativando professores, alunos e comunidade para as possibilidades que ela tem de oferecer um espaço de construção, não só de conhecimento mas construção de relações.

DO PONTO DE VISTA DA ESCOLA, O SR. PERCEBE UM REAL PREPARO E UMA REAL ACEITAÇÃO DA EDUCOMUNICAÇÃO POR PARTE DE DIRETORES, COORDENADORES E PROFESSORES?

O real ele aparece aí como um adjetivo que se traduz em verdadeiro em pleno. E aí vai depender muito das circunstâncias. Neste momento estamos trabalhando com uma Fundação chamada Fundas, em São

José dos Campos, e que a direção nos chama para dialogar com os professores e alunos. No caso é política pública, isto é, uma política da instituição é implantar a Educomunicação. Isso se fez através do trabalho gradual. Durante um ano foram trabalhados 15 professores que fizeram o curso. Neste ano, segundo ano, amplia-se para 80 entre professores a alunos. E para o ano de 2007 se pretende que esse 80 leve a Educomunicação para as escolas da rede pública de São José dos Campos.

No caso nós estamos percebendo que existe a partir dos dirigentes da Fundação da própria Secretaria da Educação, a intenção de levar a Educomunicação as escolas. E eles estão motivados pelo sucesso do projeto ou da proposta em outros lugares. Eles viram como em outros municípios, em outras escolas, houve resultados concretos a partir da aplicação do conceito. Então eles querem levar isso para uma rede específica que é a rede de educação do município de São José dos Campos.

No caso nós vamos observar que existe um apoio, que vem da autoridade constituída. E nunca é específica essa autoridade se não se toma workshop específica para ela. Os diretores da fundação pediram o workshop para o entendimento do conceito para que pudessem acompanhar o processo que estaria sendo desenvolvido com as crianças e os professores.

O mesmo fato não se pode dizer que exista em um caso na cidade de São Paulo. É uma rede muito complexa e grande, constituídas aí com mais de 500 escolas do ensino fundamental. E dentro dessa rede aproximadamente 10 mil pessoas tiveram contato com o Educomunicação, porém, 10 mil pessoas representam uma quantidade pequena, gente de universo representado pelo número de professores, agentes educacionais e alunos da própria rede.

Do outro lado uma mudança de administração, e dentro de cada administração, mudança de pessoas, isto é, mudança de pessoas dentro do regime Marta, e a mudança de pessoas durante o regime do Serra na prefeitura fez com que um projeto contratado por um grupo de um secretário, professor Fernando de Almeida, ele acabasse quando no término do projeto sendo desenvolvido na gestão do quarto secretário de Educação da mesma administração. E após essa quarta tivemos uma quinta e uma sexta, numa sexta administração. No caso, os que chegam em geral desconhecem o projeto. E ouvem por aquilo que é mais evidente que é o uso de um recurso chamado rádio. Então se essas pessoas tem uma simpatia para com o rádio elas poderão até se aproximar do projeto. Mas se eles continuam com uma antipatia em relação a esse veículo certamente não terão participação no projeto. E finalmente se tem simpatia por quem implantou, terá simpatia pelo projeto e vice -versa. E são elementos secundários que no entanto fere de uma forma vital o desenvolvimento de um trabalho que necessita um apoio das autoridades.

No caso São Paulo das 455 escolas, 200 ficaram sem equipamentos por problema de litação, na época por decisão política já por período posterior ao do prefeito Serra e seu sucessor Kassab.

Então diante desta questão, nós vamos observar que onde o Educom existe é por uma força de resistência dos professores e alunos que entende que o projeto é importante e pode trazer benefícios

para eles. Porém não é exatamente conseqüência de um trabalho sistemático da própria prefeitura no sentido de oferecer uma sustentação, um treinamento. Não para uma outra escola, mas para todo sistema escolar. E isso realmente está faltando.

A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA ESCOLA (A ESFERA DA ELABORAÇÃO, DO PLANEJAMENTO E DA EXECUÇÃO DAS AÇÕES EDUCACIONAIS), DA FORMA COMO ESTÁ ESTABELECIDA, ELA PROPÍCIA À ASSIMILAÇÃO DA PROPOSTA DA EDUCOMUNICAÇÃO?

As escolas todas tinham um plano currículo pedagógico, implícita ou explicitamente, em geral explicitamente. No caso das redes públicas, esses planos ele tem ainda por trás a costurar suas propostas de administração pública para a área da comunicação. No caso em geral o que essas administrações, essa políticas informam ao respeito da tecnologia, é que ela deve estar a serviço do professor para melhorar a aula, a habilidade ou a performance do professor. De certa forma existe uma abertura para que as escolas desenvolvam oficinas para novas linguagens, especialmente na área das artes. Algumas vezes também chega a área do rádio e do vídeo.

No entanto, na filosofia das oficinas é uma filosofia funcionalista, ela também está voltada para a chamada performance, agora também do aluno. E poucas vezes essas oficinas integram-se no projeto pedagógico a partir de uma perspectiva processual, isto é, o que se objetiva é que um grupo de alunos, não todos e nem um grupo pequeno, tenha condições de desenvolver alguma habilidade. Porém aquilo é apresentado como excepcional, algo novo, que com o qual eu atinjo determinado grupo de alunos, e com isso eu os ocupo determinado tempo. E geralmente são usados nesses programas de final de semana o projeto escola aberta, um programa da prefeitura que contemplava esses tipos de oficina.

No caso da Educomunicação, ela não se volta exatamente para trabalhar com o meio de comunicação. A Educomunicação não se volta expressamente para trabalhar com arte, a Educomunicação se volta para as relações de comunicação no interior da escola. É como se nós tivéssemos pensando no plano pedagógico contemplando que se discutisse as relações no interior da escola. É com esse curso pleno pedagógico que se perguntasse como é que o diretor se comunica com os professores, com é que os professores se comunicam com os alunos e os alunos se comunicam entre si, com os professores, com o diretor e com a sociedade ao seu redor. Então a comunicação é sobre relações de comunicação.

Para melhorar essas relações de comunicação, vamos usar a mediação tecnológica, então vamos usar o rádio, a internet, vamos ao teatro e assim por diante.

A Educomunicação não está preocupada em criar uma oficina de rádio, está preocupada no exercício de expressão radiofônica envolvendo professor e aluno numa prática de relacionamento comunicativo mais intenso.

Então podemos dizer o seguinte, a atual estrutura das escolas, a atual filosofia que embasa o procedimento da escola, de forma tradicional, não contempla essa discussão. A escola se coloca como

organização de profissionais com capacidade sistematizada de ter o conhecimento e transmitir esse conhecimento para a sala e produzir conhecimento, disseminar conhecimento e fala em aprendizagem. Aluno que adquiri conhecimento é transferido de um grau a outro grau até terminar o curso, comprovando que adquiriu determinados conhecimentos.

A Educomunicação é uma prática que tem como finalidade inicial à aquisição de conhecimentos e de comportamento de relações amigáveis, relações colaborativas. Então o conhecimento da Educomunicação é o conhecimento da solidariedade entre as pessoas, um conhecimento que sempre está perguntando para que eu vou saber alguma coisa. E vai admitir que será importante todo conhecimento que ajude a criar o consenso, que ajude a permitir com que aquela comunidade cresça de uma forma colaborativa e permita que o exercício da cidadania seja a grande meta da escola.

A Educomunicação não se confronta com a educação em termos de distribuição de conhecimentos, ela entra no universo da educação para dizer que o principal conhecimento que precisamos trabalhar está nas relações humanas. E a nossa perspectiva e trabalhar para que as pessoas se relacionem, se expressando de uma forma plena. Ela traz a comunicação e a tecnologia para ampliar as formas de expressão. E essa Educomunicação está muito bem localizado em uma escola, como também pode estar bem localizada em uma empresa no centro cultural, numa família. A Educomunicação não é própria da escola, ela é própria de onde houver pessoas reunidas, seja em uma igreja, seja em um clube, seja na escola. Ela não vai contradizer a não ser se essas instituições sejam premeditadamente manipuladores. Se uma escola é premeditadamente manipulador autoritário, é claro que a Educomunicação vai se confrontar com este comportamento, confrontando-se com a pedagogia da escola.

Agora se a escola está aberta para o princípio do construtivismo e da solidariedade no aprendizado a Educomunicação entra como uma luva para reforçar estes princípios e permitir que a escola avance também.

COMO VOCÊ DEFINIRIA O PERFIL DE UM PROFESSOR EDUCOMUNICADOR?

É um professor empreendedor que acredita em si mesmo como uma fonte de comunicação e que tem suficiente jogo de cintura para sentir e permitir que seus alunos sejam também comunicadores. Que tenha capacidade de trabalhar em diálogo com esse aluno detectando os processos de comunicação dentro da sala de aula, e da sala de aula dentro do seu mundo externo.

Tem professor que sabe da importância do uso das tecnologias.

Percebemos que algumas crianças já chegam com uma certa dose de alfabetização midiática. São crianças que vêem televisão, ouvem rádio, boa parte tem acesso à internet. É importante que estejam dentro desse universo chamado midiático pós-moderno. Quando se fala em pós-moderno se fala de um ambiente que as pessoas já estão entediadas das contradições da sociedade contemporânea, e que em

muitas vezes coloca em cheque a forma decidida, e muitas vezes equívocada, com que a escola se apresenta, isto é, a criança chega com o relativismo da sociedade contemporânea, porque ela verá lá na televisão, na internet, nos outdoor´s as contradições do mundo. Então a criança admitirá porque viu na televisão como é que são as relações amorosas, como é que a sociedade vive essas relações. E isso passa a ser referência para os adolescentes. Se a escola tem o seu ponto de vista em respeito aos relacionamentos amorosos, muitas vezes a partir de concepção que vem da tradição social adorada por choques, haverá um descredenciamento por partes dos adolescentes que tem um padrão adquirido na convivência com a mídia que por sua vez adquiriu seus padrões com a sociedade na área da pós-modernidade.

Neste sentido, esse professor quando vai fazer um contato com esse universo, ele necessita ter uma rede de capacidade de diálogo no entendimento de escuta com relação a esses adolescentes para poder conversar com eles a partir da perspectiva que a educação tem. O professor Educomunicador não é nada, as suas filosofias, os seus pontos de vista, mas ele tem abertura o suficiente para estender o ganho com as novas gerações. Isso faz parte do perfil desse professor, a grande capacidade de entendimento da conjuntura que liga a sociedade atual e a capacidade de estar sentado junto com o adolescente para conversar com ele. De escutar o cidadão que também detém informações e tem os seus padrões éticos. Mas também terá grande capacidade de diálogo com esse aluno saber através da mediação representa pela sua condição saber estar trocando idéias e permitindo que os adolescentes encontrem outras formas que não seja apenas as formas que ele adquiri através da mídia.

A escola no caso passará a ser uma grande fonte de inspiração para as novas gerações.

COMO O SR. AVALIA A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO EDUCOM.RÁDIO/SÃO PAULO? QUAIS AS FACILIDADES E DIFICULDADES VERIFICADAS DURANTE E APÓS A EXECUÇÃO DO CURSO?

A grande dificuldade que o núcleo de comunicação e educação teve foi o fato de que o projeto Educom foi concebido fora do da área do currículo. Foi concebido para atender o “Projeto Vida” que era um projeto paralelo, um projeto educativo, era uma Instituição chamada “Projeto Vida” dedicada a combater a violência tanto no ponto de vista psicológico quanto físico e jurídico. O Educom chegou a trazer uma fórmula cultura para a redução da violência.

Somente no final da Administração Marta, nos últimos 6 meses é que o Educom foi transferido para a área da DOT´S, isto é, para a área que discute e controla o que se refere ao currículo do dia-a-dia do ensino.

Trazem o Educom para o currículo significou o reconhecimento da política pública de que a Educomunicação poderia colaborar com as políticas públicas que no período do governo Marta significava uma gestão, assim dita, democrática da escola. O Educom viria colaborar com essa prática.

No entanto estar junto a DOT significava também não dispor de verba própria. Porque tudo que se diz respeito a DOT, diz respeito ao cotidiano dos professores. E não existe projetos especiais na DOT, os projetos especiais estão fora da DOT. E aí são dotados de verba para seus desenvolvimentos. Então quando o Educom veio para o DOT, ele cai numa área de espaço administrativo que não conteria verbas especiais para seu desenvolvimento com a colaboração externa, isto é, a prefeitura tem dia que no final do projeto, a própria rede estaria madura para implementar a Educomunicação se necessitar da a continuação da assessoria da USP.

E com a chegada da nova administração, esse pensamento ficou claro, naturalmente que os novos administradores tiveram tempo para fazer novas avaliações. Porém a avaliação feita foi uma avaliação que levou em consideração a perspectiva de que o Educom era equipamento de rádio. Neste sentido a avaliação foi feita apenas com escolas que já tinham rádio, já tinham equipamento.

As 100 escolas que fizeram o curso e não tinham o equipamento foram excluídas da avaliação. A prefeitura não queria saber se essas escolas haviam ou não adotados o Educomunicação, porque para os administradores Educomunicação era igual rádio.

As escolas que receberam o equipamento, elas receberam o equipamento de uma forma descompassada. E isso foi um fato terrível quanto incentivador ou destruidor do processo, porque onde professores e alunos, especialmente nos que fizeram as primeiras fases do projeto.

Onde houve a posse do equipamento de uma forma plena e total, nós tivemos um grande conhecimento do Educom. Porém em muitas escolas que houve a chegada do equipamento, diretores e coordenadores decidiram deixar de lado e trancá-los em uma sala de aula para usa-los apenas em festas Juninas e em algum outro momento que precisassem de som, dificultando o acesso dos professores.

Nós tivemos um tipo de avaliação pela nova administração que não correspondeu a própria natureza do projeto, isto é, a administração não chamou núcleo para dizer quais os parâmetros para a avaliação, quais são as variáveis tem que ser levada em consideração para que haja a avaliação. Isso não foi perguntado. Partiu simplesmente do fato de que Educom era rádio. Perguntaram-se então as escolas se já adquiriram os equipamentos, estão usando, não estão usando, aqueles que estão usando, de que forma estão utilizando – e aí se chegou a um número pouco expressivo, 60 escolas. Das 250 escolas que receberam o equipamento, apenas 60 delas estariam desenvolvendo plenamente Educom.rádio. E para essas 60 escolas a administração passou a se interessar de certa maneira. Criou-se na própria secretaria uma pequena assistência composta por dois professores para dar um acompanhamento ao projeto.

Naturalmente que um projeto que contou com mais de mil pessoas para implementa-lo não podeira contar com apenas duas pessoas para dar sustentação. É preciso que haja realmente um plano de treinamento e capacitação. Nesse sentido a própria secretaria chegou a fazer uma chamada para as

universidades de São Paulo no sentido de oferecer um curso para reciclagem de seus funcionários, professores e alunos. Nenhuma universidade de apresentou, apenas a USP se apresentou e a prefeitura rejeitou a proposta da USP por algum motivo que ela mesma não acabou apresentando.

Então diante desta situação nós podemos dizer que ainda que o Educom permaneça, existe uma lei com este nome, e que exista um ou dois professores ao menos na prefeitura encarregado de manter o projeto, o projeto não está se implementando da forma que foi concebido.

QUE AVANÇOS SE PODEM CONSTATAR NO SENTIDO DA CONSOLIDAÇÃO DA EDUCOMUNICAÇÃO COMO UMA POLÍTICA PÚBLICA?

Os avanços têm ocorrido de uma forma até que veloz. O Ministério da Educação levou o projeto para Mato Grosso, Mato Grosso do Sul. Este ano o estado de Mato Grosso vai trabalhar com mais 20 escolas por conta própria. Significa então uma expansão da idéia do projeto.

Nós diríamos que os avanços têm se dado dentro dos limites, das contradições que o conceito novo possa ter e tem na sua relação com formas mais tradicionais de pensar na própria tecnologia. E isso se reflete nas demandas que tem surgido por parte da prefeitura, governo, fundações e especialmente por parte de pesquisadores e pessoas interessadas em estudar e analisar o fenômeno.

É uma onda que está acontecendo que permite por exemplo criar um prêmio internacional, existe um prêmio internacional de Educomunicação, o prêmio foi concedido em 2004, Bankok, em 2005 na cidade de Lion e em 2007 será concedido na cidade de Quebeck, no Canadá – e nós temos participado das escolhas dos premiados. Já existe referência na bibliografia internacional a respeito do conselho de Educomunicação, como ele vem sendo implantado no Brasil na parte especialmente do NCE.

É um trabalho certamente lento, em termos de uma idéia que vai sendo difundida. Porém existe uma força em alavancar o processo, que faz com que já não exista um único pólo gerador de idéias. Começa a se modificar escolas, as iniciativas, as ONG´S envolvidas com esse trabalho que acaba gerando novas idéias e novas propostas.

O Fernando Rosset, é um jornalista que acaba de escrever um livro a respeito de dez grandes ONG´S do Brasil que trabalham na perspectiva da Educomunicação. Então isso significa que o tema ainda está muito vivo e em discussão no Brasil.

Finalmente a própria USP reconhece a importância do tema e colocou em proposta uma licenciatura em Educomunicação, além de já ter criado uma linha de pesquisa em Educomunicação que nos últimos 5 anos geraram 55 teses. É um fato inédito que nós o vigor da discussão em torno do assunto.

EXISTEM DADOS QUE COMPROVEM A EFICÁCIA DO PROJETO NO ÂMBITO DAS ESCOLAS?

Se nós formos olhar os dados empíricos estatísticos, ainda não existem dados, porque as pesquisas começam a serem feiras agora depois de ter passado o momento da implementação. Enquanto projetos começam a serem implementados de forma menos intensa em termos de participação, mas de forma muito forte em termos de incisão como por exemplo o projeto "Educom geração cidadão" que foi desenvolvido durante 3 meses e meio do ano de 2000 por jovens de renda familiar de um salário mínimo em Embu das Artes atendendo 6 municípios da região. Quando usando o Blog na internet e o rádio para atualizar a escolaridade desses adolescentes.

Verificando projetos como esse nós vamos observar um desentusiasmo dos alunos e professores.

Então nós temos mensuração qualitativa. No caso do Educom .geração cidadã o grande fato e a grande novidade e que dois mil adolescentes em situação em risco, onde boa parte deles são semi-alfabetizados, e alguns com problemas de comportamento, em 3 meses e meio eles reconhecem, eles vêem a existência de colegas deficientes físicos surdos, mudos e com síndrome de Dau que prestam para esses 60 adolescentes e jovens em meio aos dois mil, prestam serviços ao dedicarem praticamente todo um dia ao Educom, para a apresentação de danças e de ritmos de expressão desses jovens que estão na situação de extrema pobreza em termos de identidade, de reconhecimento público, no fato de aceitação ou de exclusão.

O fato de que dois mil jovens terem reconhecido o outro, e o outro mais pobre do que ele e terem aplaudido as ações que esses colegas fizeram, permitindo que esses mesmos deficientes declarassem publicamente que igualdade não existe mais, naquele espaço eles foram reconhecidos, eles foram amados, foram bem quistos. Eles começaram a se sentir bem, e isso foi uma grande vitória. Essa é justamente a essência do Educomunicação, que é descobrir, por tanto aprender com conhecimento que o outro existe, e propiciar que outros se expressem.

Aí nós tivemos a rádio feita por mudos. É um fato extraordinário de um grupo de mudos se sentirem fazendo rádio, claro, fazendo teatro sobre o rádio com a colaboração de especialistas que traduziam o que eles queriam expressar, mas eles simultaneamente se sentiam integrados.

Se nós pegarmos essa realidade , realidade que se manifesta em São José dos Campos também, com adolescentes de renda familiar muito baixa, ou de jovens de classe média alta do colégio São Luiz, através de uma avaliação qualitativa que pode se acontecer por exemplo no encontro "África-Brasil", um encontro que reuniu 600 pessoas entre os quais especialista da África e Brasil, que foi rejeitado pela mídia onde não foi cobrir o evento. No entanto setenta adolescentes entre eles adolescentes da rede pública fizeram uma profunda cobertura através da aula de rádio.

Se nós pudermos fazer a medição e a avaliação a partir desse resultado nós podemos ter garantia plena total de que o êxito tem sido muito forte.

Agora, se nós formos perguntar transferência dessa qualidade de resultado pela política pública, aí vamos encontrar todos os problemas inerentes a qualquer política pública.

No entanto as dificuldades não têm feito os promotores de Educomunicação desanimarem, porque se fecha uma janela aqui, abre-se outra ali imediatamente. E o que se imagina é que a partir da replicação do projeto em situações diferente com público diferente vai se consolidando a idéia de que uma nova comunicação é possível dentro do espaço escolar ou dentro da própria mídia.

COMO SE PODE EVIDENCIAR, NO ÂMBITO DA ESCOLA, O AUMENTO DO COEFICIENTE COMUNICATIVO DAS AÇÕES EDUCATIVAS?

Nós evidenciamos quando o aluno fica mais falante, mais criativo, fica mais senhor dos seus atos, conseguindo articular melhor e transfere sua capacidade de falar no estúdio de rádio para qualquer outra situação e quando ele fica mais colaborativo com os colegas e com os professores. Os resultados estão na forma de expressão, inclusive o secretário da educação, o Sr. Dermo Pinoti, ele que venho com a nova administração do José Serra, ele dizia que absolutamente concordava com o Educom, ele via, notava que onde havia a Educomunicação havia mais aprendizado, alegria e mais vida. E ele levantava que na verdade esse trabalho ficava restrito aos que fizeram Educom, isto é, ele percebia que existia uma dificuldade desses meninos em transmitir sua aprendizagem para o restante da escola. E claro que ali existe um problema sério, mas esses meninos estavam exercendo uma prática que envolvia outros colegas em algumas escolas que saíram de 10 para 400 pessoas envolvidas. Porém existia o limite da capacidade de expansão do conceito da prática. Esses meninos precisariam contar com o apoio da direção da escola da prefeitura para poderem avançar. O próprio secretário da administração Serra constatou que resultados positivos existiam, porém ele não teve condições, certamente razões existiram, entre elas a própria resistência da rede em não dar prosseguimento ao projeto. Então esse efeito positivo não podendo ser multiplicado. Porém houve constatação de que efetivamente existiu.

O que nós observamos é a importância do sistema de ensino de continuarem contando com essa assessoria externa. Em São Paulo a prefeitura não poderia ter entregado a própria sorte um projeto sabem que ele é contestado, especialmente pelo sistema tradicional. Se a prefeitura constatou que efetivamente resultados positivos estavam acontecendo, ela teria que estar dialogando com os promotores do projeto, no caso a própria NCE, sobre formas de dar continuidade. Ou que não quisesse que o NCE continuasse o processo, ela poderia estar dialogando a respeito de como continuar com o projeto sem a própria USP, a USP não é detentora de toda verdade, porém ela teve uma iniciativa, ela precisaria ser ouvida de um projeto que destina a continuidade de um propósito que gere mudanças. O fato interessante ocorreu durante um congresso da Educarede e da Telefônica, que foi um congresso líbero-americano, terceiro seminário líbero-americano de educação a distância ocorrida no final do

mês de maio, dia 30 e 31 quando o professor Ospo e o próprio professor Ismaral falaram de Educomunicação, no meu caso específico citar o Educom TV e os resultados positivos. Depois da minha palestra representando a Secretaria da Educação já de novas gerações, que já se passaram 3 anos e meio veio perguntar porque o Estado não deu continuidade ao projeto, se ele é tão bom e os resultados são tão evidentes.

Hoje o próprio estado pergunta para nós, porque foi abandonado algo que estava dando certo e que não houve continuidade. A pergunta que todos se fazem quando o resultado fica evidente. No caso do resultado evidente, eram alunos e professores do Município de Francisco Mourato que mediante trabalho de uma consiste no Educom TV trouxe para todo o município o conceito de Educomunicação e colocou a rede toda trabalhando ao redor da mídia do rádio, vídeo, internet e assim por diante, oferecendo capacitação local, isso poderia ter acontecido em toda rede do estado. No entanto isso não aconteceu de forma plena justamente por causas das mudanças políticas promovidas pelos dirigentes que vão mudando com muita rapidez.

NO QUE RESPEITA À VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL, QUAL A IMPORTÂNCIA DESSE ASPECTO NO SISTEMA EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO?

A questão das desigualdades raciais, das diferenças raciais é um tema central da educação, porque as escolas do Brasil elas se dividem em escolas de brancos e escolas de negros, e isso não está escrito na constituição, mas é da prática social. Uma escola da periferia é uma escola de negros e mulatos, e as escolas particulares do centro são escolas de brancos. Se esse tema não é tomado como ponto de referência a partir de um exercício, a partir do qual raças possam se expressar e o negro, o mulato, o indígena possam ter condições de mostrar sua cultura, de ter a sua auto-estima revelada exatamente pela sua capacidade de se apresentar perante a sociedade , se isso acontece, você reforça a questão da desigualdade. Então a desigualdade não é reforçada porque existem as leis racistas, mas porque existem práticas de silêncio, e falem de silêncio.

As práticas que falem de silêncio se reforçam quando a maioria dos professores são brancos, e a maioria dos alunos são negros, por exemplo, e não existe um diálogo com eles mais profundo. Então a Educomunicação venho justamente para garantir que as gerações pertencentes ao universo de afro-descendentes possam ter uma garantia plena de equipamentos, de procedimentos de expressão, porém não uma expressão de guerra, de lutar contra, mas a expressão de manifestação de. A manifestação de via cultura aliada às culturas que chegaram juntamente com a minha e que vamos criando uma quarta, uma quinta cultura.

Essa aproximação tem sido dada pela Educomunicação. Não que a Educomunicação venha dizer que tem que ser feito assim, porque daí quando você esta em qualquer espaço escolar, quando predominam

alunos de origem afros, são eles que assumem o microfone, o computador, eles que dão as condições de estarem comandando o teatro, e assim por diante.

Basta existir a Educomunicação que ela será sumida pelas diferenças de raça. Aí queremos o reverso do que existe no meio comercial onde o negro é uma exceção no espaço.

Na Educomunicação é justamente o afro-descendente que garante a hegemonia do processo de comunicação. Por isso a Educomunicação é essencial para todos os movimentos de libertação dos preconceitos raciais.

A METODOLOGIA DA EDUCOMUNCAÇÃO PROPORCIONA DE FATO UMA RESSIGNIFICAÇÃO DO PAPEL DAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO? DE QUE MANEIRA?

Ela resignifica porque ela troca o significado. O significado quer dizer com as chamadas tecnologias educativas é um instrumento na mão de quem deve ensinar. Então quando se fala em tecnologia queremos falar para o professor adotar a tecnologia, para usar a informática e usar o vídeo. Vamos capacitar o professor para usar o vídeo.

A Educomunicação não coleta essa questão, ela diz como unidade educativa para usar as tecnologias. Quando a prefeitura pediu para o NCE capacitar professores para que os professores usassem a mídia nós dizemos impossível, pois se nós formos trabalhar com os professores a partir da perspectiva da educação tradicional, estaremos reforçando o que o professor faz tradicionalmente. Então nós só admitimos trabalhar professores e alunos conjuntamente, chamando ainda a comunidade para o meio. Então a ressignigicação é dar um significado novo, isto é, qualquer recurso da comunicação para que a comunidade se expresse. Comunidade é, professor, aluno, pai de aluno, os bedéis, enfim, todos que de certa forma compõe o quadro, um pólo de relações de uma escola.

É a mesma coisa que vai acontecer com a mídia ou com outros meios. No caso da mídia, a Educomunicação fará com que o rádio e televisão ousem de uma forma muito mais intensa a própria sociedade, os especialistas e o próprio povo. Então ela vem ampliar o diálogo da profissão do conhecimento com respeito para com as pautas, para que as pautas de jornais e televisão sejam mais tensas de participação popular.

Então a ressignigicação está aí, ela é dada pelo conceito que se tem do que fazer com o instrumento. A Educomunicação tem clareza absoluta do que fazer com este instrumento para permitir que ele seja usado de forma plena por todos os membros da comunidade.

O SR. DIRIA QUE A GESTÃO DA COMUNICAÇÃO JÁ É UMA PREOCUPAÇÃO PRESENTE NO ÂMBITO DAS ESCOLAS?

Não. Ele é um problema que a Educomunicação leva. As escolas são pegas de surpresa quando alguém chega e fala de gestão democrática da comunicação no seu espaço. É o primeiro ponto de escândalo das escolas com relação à metodologia, porém como o Educomunicação não diz isso de uma forma arrogante, diz isso a partir de experiências, e a escola percebe que quando efetivamente professores e alunos estão juntos, e ao estarem juntos eles produzem uma gestão democrática que torna o ambiente mais agradável, ela admite , a escola aprende pelo exercício de seus alunos e professores. Por isso quando nós nos aproximamos da escola, nós nos aproximamos com um discurso colaborativo, isto é, nós não usamos o termo de que vamos quebrar o paradigma da escola tradicional, dizemos que vamos colaborar para que a comunidade se expresse melhor, e o exemplo é que os diretores começam a ver, os outros colegas começam a ver, os professores começam a ver, etc, passa a anima-los a ingressar neste universo. E isso é menos o que nós vemos de difícil que temos o Educomunicação pleno, será sempre um Educomunicação a caminho, estaremos sempre caminhando para uma nova realidade.

COMO VOCÊ VÊ AS PERSPECTIVAS DE MUDANÇAS NA QUESTÃO DA EDUCOMUNICAÇÃO HOJE EM SÃO PAULO, ATÉ MESMO NA PERSPECTIVA DO EDUCOM.RÁDIO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO?

Eu tenho muita esperança que a própria comunidade faça ressurgir o Educom, porque a semente está lançada, ela foi muito profunda. A vivência de professores e alunos foi muito intensa. Então eu tenho uma firme crença que a comunidade com tem feito, nós recebemos e-mails ou telefonemas de professores dizendo: “nós aqui na escola fazemos o Educomunicação, estamos continuando, nosso equipamento quebrou, com fazemos?”. Porém é uma pergunta de alguém que já está envolvido. O que é necessário é que a prefeitura de um pouco de abertura para que as pessoas possam se expressar.

Então este ano nós pretendemos fazer um simpósio do espaço do colégio São Luiz na avenida Paulista onde estaremos chamando as escolas públicas para que venham dizer o que estão fazendo. Não vamos fazer cobrança para a escola, nós vamos dizer que elas certamente estão fazendo coisas boas aqui, e nós queremos ver o que elas estão fazendo.

Então temos essa crença firme devido a uma experiência forte de um semestre, de um desenvolvimento e uma dedicação muito grande das as equipes que foram acompanhando. Claro que os alunos saem da escola com muita rapidez e os professores mudam muito. Então uma reciclagem é necessária até por este fator.

Estamos otimistas, a colhida continua. Neste momento, o município de Praia Grande chegou a dizer que já tinham o equipamento, e pediram para que fossemos imediatamente. A perspectiva é outra, não é dizer vem e vamos ver o que vamos fazer, não, eles disseram que já tinham o equipamento, que queriam entrar. Então existe realmente uma perspectiva forte. E agora através do curso que estamos

fazendo junto com o MEC, que é mídias de educação mas com módulo rádio, estamos levando toda a filosofia de Educomunicação para o módulo onde vamos atingir 10 mil professores no Brasil.
São esperanças que estão aí muito firme alimentando o desejo de continuar servindo a comunidade neste campo.

ANEXO 02

ENTREVISTA COM O PROFESSOR ANDRÉ LUIZ PEREIRA DOS SANTOS.

Professor da Rede Municipal, terminou sua graduação em Filosofia pela Usp, também é músico, produtor, arranjador. Trabalhou como assistente de coordenação na segunda fase em um dos Pólos do projeto Educom**.**Rádio Atualmente é professor da EMEF Pedro Teixeira da disciplina de história, além de ajudar na implementação do projeto na instituição.

VOCÊ PARTICIPOU NA FORMAÇÃO DO EDUCOM.RÁDIO?

Participei, mas como assistente de articulação.

EM QUE PÓLO VOCÊ PARTICIPOU?

Foi no Godói, dentro da segunda fase do projeto.

VOCÊ JÁ ERA LIGADO A ALGUMA ESCOLA?

Não, na época eu só lecionava no Estado.

COMO VOCÊ AVALIA A FORMAÇÃO DO EDUCOM.RÁDIO?

Acredito que o curso era importante porque ele abria espaço para que algumas discussões que não são realizadas na rede pública fossem trazidas para um público maior. Então quando você trabalha algumas discussões como cidadania, protagonismo juvenil e violência, nós tratamos nas escolas de uma forma meio á parte. E o Educom permitia que a academia refletisse sobre isso fazendo com que os professores voltassem a ter um interesse pelo o estudo mais acadêmico em relação a esses projetos.
Acredito que uma forma de vinculo maior entre as escolas e o Emisfera, o órgão que produziu o projeto. O que acontece, as escolas acabam criando dificuldades, limitações no uso da aparelhagem. Os grupos acabam se desistindo e os equipamentos acabavam sendo engavetados.
Isso acabava gerando uma dificuldade no engavetamento do equipamento, fazendo com que o projeto não fluísse. E isso era uma das principais deficiências.

RESUMA AS LINHAS GERAIS DO PLANEJAMENTO DE IMPLEMENTAÇÃO DO EDUCOM.RÁDIO FEITO DURANTE O CURSO POR PROFESSORES, ALUNOS E COMUNIDADE DA ESCOLA PELA QUAL PARTICIPOU DO CURSO.

Quando nós implementamos o projeto na escola, retomamos esse planejamento, que era um planejamento que estava engavetado, e tentamos fazer um processo em que nós respeitássemos aqui que tinha sido dito no curso.

Mas o que acabou acontecendo, no projeto tínhamos a questão de trabalhar com vários vídeos onde na qual a única que está implementada realmente é a rádio. O projeto contemplava a rádio, um trabalho com vídeo e num trabalho impresso.

O ano passado nós conseguimos fazer junto com os professores Carlos, o Paulo e mais alguns professores de língua portuguesa, um projeto de um jornal impresso que se chamava "Quem cheira Gay's". Esse jornal sai um ou dois números e depois nós não conseguimos implementar.

Então nós tivemos o primeiro momento do trabalho técnico de implantação da rádio e agora estamos tentando voltar a pensar essas idéias que estavam implementadas naquele projeto de ação que fizemos lá no Educom com o curso, com os projetos de TV, vídeo e os projetos impressos.

ENTÃO HOUVE IMPLEMENTAÇÃO EFETIVA DO PROJETO APÓS O CURSO? SE NÃO, O PORQUE?

Houve implementação da rádio. Nós tivemos um pequeno período até que a rádio começasse a funcionar, por problemas técnicos, montagem da antena, instalação das caixas, onde nós tivemos que fazer um projetinho que acabou dificultando. Mas depois que isso aconteceu, a coisa fluiu de uma forma muito interessante.

NA SUA VISÃO, QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS DIFICULDADES ENFRENTADAS PARA A IMPLANTAÇÃO DO PROJETO DA RÁDIO NA ESCOLA?

Eu acredito que nós temos alguns pontos. O primeiro é que as pessoas não estão mais acostumadas com a linguagem auditiva, elas estão mais acostumadas com a linguagem visual. Então você trabalhar com rádio pressupõe que as pessoas acatem, tendo que aprender a ouvir novamente para produzir coisas audíveis, porque nós percebemos muitos vícios. Quando ouvíamos os programas que produzíamos, nós chegávamos a conclusão de que esses vícios estavam muito voltados para um público que está mais acostumado com o imagético.

ATUALMENTE VOCÊ CONHECE ALGUMA EXPERIÊNCIA DE OUTRA ESCOLA NA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO EDUCOM.RÁDIO? QUAIS?

Até extrapolando a minha experiência como professor, mais nessa experiência como checador, eu vi algumas coisas interessantes em Guaianazes, no Alexandre de Gusmão e Hedeno de Godói. Mas isso eu não sei como está agora. Tinha um grupo muito bom lá produzindo alguns programas interessantes.

Tive umas capacitações lá justamente quando eu cheguei tive o prazer quando estavam fazendo os programas com qualidade. Agora quanto à nossa região de São Miguel eu não tenho informações.

E COMO VOCÊ AVALIA ESSAS EXPERIÊNCIAS, QUE ESCOLAS VOCÊ QUERIA EFETUAR O PROJETO E QUAIS AS QUE VOCÊ NÃO CONSEGUIRIA? PORQUE?

Efetuando a nossa escola e mais algumas aqui do pólo, a grande maioria não tem efetivado o projeto por uma questão de não querer uma cabeça, alguma pessoa que empurre o projeto para frente.

Aqui a escola só vai para frente porque nós temos o professor Carlos, o professor Vagner e temos um desejo da direção de que a coisa aconteça.

Nós temos interesse da direção para que o projeto aconteça e temos até um esforço da mesma, eles procuram saber o que está acontecendo e se preocupam em ter um acompanhamento. Eu acredito que as escolas que não funcionaram foi porque não teve esse acompanhamento todo. Não tivemos alguém que conseguisse implementar, alguém que conseguiu ser referência no projeto.

VOCÊ VERIFICOU SE HÁ O ENVOLVIMENTO DOS PROFISSIONAIS NO PROJETO, NO CASO AQUI NESTA ESCOLA? SE NÃO, O PORQUE.

Os profissionais ajudaram no sentido técnico. De vez em quando alguns vem até aqui querendo utilizar.

Estamos trabalhando para contemplar os interesses de todos. Eu esqueci de falar na outra questão que também o grupo de alunos era muito bom. Se nós não tivéssemos um grupo tão bom talvez não conseguíssemos implementar o projeto.

A escola é uma de periferia, tem problemas, tem um grupo de alunos que são difíceis, é um grupo meio disperso. Mas o grupo do Educom conseguiu formar um grupo coeso, onde é um grupo que tem responsabilidade que cobre aqui, eles vem, eles estão sempre aqui, fazem o programa com gosto e não faltam. Isso acaba criando uma seriedade do projeto.

NO PLANO CURRÍCULO PEDAGÓGICO, O RÁDIO FOI MENCIONADO?

O rádio foi mencionado. Todo ano no planejamento nós contemplamos a Educomunicação, o projeto de rádio, o projeto de TV e não PPP nós temos a menção do projeto de rádio.

EXISTE UMA CONSTATAÇÃO DE QUE A IMPLEMENTAÇÃO DO RÁDIO NA ESCOLA TEM MELHORADO O TRABALHO PEDAGÓGICO?

Sim, não globalmente, nós não podemos falar que globalmente nós temos uma melhora, seria uma inverdade, mas quando nós trabalhamos em pontos particulares, de pontos específicos, às vezes tem um grupo especifico, às vezes temos professores que usam a rádio didaticamente como por exemplo o professor Paulo que está produzindo algumas áudio -novelas com os alunos da 5° série, onde ele tem

produzido algumas coisas e tem gravado. Para ele o trabalho tem ficado mais interessante neste sentido narrativo.

E QUE OUTROS EFEITOS VOCÊ TEM VERIFICADO NA ESCOLA QUE O RÁDIO ESTÁ IMPULSIONANDO ELE?

Sobre tudo no intervalo nós agora um público mais calmo, eles ficaram um pouco mais tranqüilos. A música faz parte do universo referencial deles, e as informações que são passadas através das pautas que os estudantes fazem são do interesse deles. Então eles acabam prestando atenção, tentando saber o que está acontecendo, se interessando, querem participar também, querem discutir para darem alguma sugestão, eles falam "porque você não faz aquela pauta, porque você não traz aquela música que tem a ver com isso...", então acabou gerando esses efeitos colaterias.

ELES ESPERAM OU VOCÊ TEM QUE FICAR AGUÇANDO-OS PARA VÃO FAZER OS PROGRAMAS?

Eles fazem, mas na verdade como a gente está voltando em uma re-implantação do projeto, eles estão com autonomia total para fazerem as pautas que quiserem. Eles mostram, dou algumas sugestões, mudo algumas coisas, etc. Eu dou o direcionamento na verdade, mas quem faz as pautas são eles. Nós estamos trabalhando mais nas orientações.

Agora nós temos algumas idéias de fazer algumas coisas conjuntas, como na quinta-feira nós temos um programa que os professores fazem, que o Vagner, o Paulo e o Carlos fazem, onde estamos trabalhando algumas pautas conjuntas, dependendo de algumas apresentações ao vivo entre alunos e professores.

GOSTARIA DE ACRESCENTAR MAIS ALGUMA COISA?

Eu só queria dizer que a questão do rádio é importante para que as pessoas retomem a célula máxima do desenvolvimento humano que é a auralidade, nós estamos perdendo a auralidade por conta da mídia, onde ela coloca as imagens, e essas imagens nem sempre dizem uma cultura descente, e auralidade faz com que o indivíduo comece a ser mais crítico reflexível. Porque a partir do momento que o rádio pode ser um instrumento democrático de discussão de vários públicos que temos na escola, nós temos um grandecimento quando ele está aprendendo.

E OS NOVOS CAMINHOS, O FUTURO DO RÁDIO AQUI NA ESCOLA?

Acredito que o projeto centralizador vai para frente, o rádio tem a função comunicativa básica, mas a partir do rádio já estão surgindo outros projetos, como projetos de vídeo, TV, jornal, eu estou pensando em um projeto de fazer um coral, tudo voltado dentro dessa mesma idéia de Educomunicação.

E o rádio como um pólo gerador e também um pólo de divulgação de todas as questões que estão aí. Eu acredito que nos próximos anos vamos conseguir consolidar uma rádio forte.

ANEXO 03

ENTREVISTA COM O PROFESSOR VÁGNER ROBERTO DE CASTRO

Formado em Letras no ano de 1991 pela Universidade de Guarulhos. Atualmente é professor da EMEF Pedro Teixeira da disciplina de Português, além de ajudar na implementação do Educom.Rádio na instituição. Está na rede pública desde 1992, quando iniciou seu trabalho na rede estadual de ensino. Na rede Municipal está trabalhando desde 1995.

VOCÊ PARTICIPOU DO CURSO DE FORMAÇÃO DO EDUCOM.RÁDIO?

Participei em 2003 em um dos pólos aqui em São Miguel Paulista, onde tivemos o curso de formação.

EM QUAL ESCOLA VOCÊ ESTAVA VINCULADO?

Eu estava vinculado a escola Municipal de Ensino Fundamental Madre Maria Emilda Santíssimo Sacramento e também realizamos o projeto em parceria com a EMEF Armando Riguete.

HOJE VOCÊ ESTÁ VINCULADO A QUAL ESCOLA?

Estou vinculado à Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Teixeira e também a Escola de Ensino Fundamental Raul Pila.

COMO VOCÊ AVALIA A FORMAÇÃO DO CURSO EDUCOM.RÁDIO, QUAIS AS DEFICIÊNCIAS, QUAIS AS VANTAGENS?

O curso em uma linha geral foi muito bom, ele ofereceu subsídios tanto da parte teórica como prática para o conhecimento da Educomunicação, diferentes formas de comunicação. É um curso que nos deu uma bagagem de dados, informações e possibilitou ter acesso a história dos meios de comunicação. Acho que isso é importante para que nós possamos entender os dias de hoje, como se da a comunicação hoje em rádio, jornal, TV, Internet e outros veículos que tem uma importância relevante na sociedade.

A deficiência que nós tivemos e que nós sentimos é que poderiam ocorrer próximos cursos no sentido de aumentar a capacitação na parte técnica de operação do equipamento. Eu já tenho uma certa

capacitação, pois participo de outros trabalhos ligados a isso, mais muitos colegas professores, funcionários e até mesmo os estudantes que participam da comunidade também, sentiu essa dificuldade de manusear o equipamento, eqüalizar o som, à parte da mesa, enfim, a parte prática.

RESUMA EM LINHAS GERAIS DE PLANEJAMENTO E IMPLANTAÇÃO DO EDUCOM.RÁDIO FEITO DURANTE TODO O CURSO POR ESTUDANTES, PROFESSORES E COMUNIDADE DA ESCOLA.

Poderia dizer que nós fizemos no sentido de planejamento do curso na escola, a partir da realidade na escola um planejamento sobre as dificuldades, sobre os problemas pertinentes existentes na comunidade e região. E antes de ser montado a rádio, nós fizemos uma avaliação do espaço físico, as condições, os equipamentos que nós tínhamos, a questão da acústica e localização exata para a instalação do equipamento. A partir daí nós começamos a traçar os rumos do projeto, procurando destacar sempre os outros projetos que haviam nas escolas, com o projeto xadrez e na informática.

HOUVE IMPLEMENTAÇÃO EFETIVA DO PLANEJAMENTO APÓS O CURSO? SE NÃO, PORQUE?

Como eu disse na época eu participei do curso em outra unidade escolar. Atualmente participo da EMEF Pedro Teixeira que também já tem o projeto Educom.rádio em andamento. Então eu tive a honra de poder trabalhar nesta escola e estou me envolvendo também em um projeto que já está em curso.

NA TUA VISÃO, QUAIS SÃO AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PARA IMPLANTAÇÃO DO PROJETO DE RÁDIO NA ESCOLA?

Uma das principais dificuldades é fazer com que todos os colegas, os profissionais da escola possam participar. Nossos colegas e professores estão com jornada acumuladas, os professores trabalham em duas ou três escolas devido às condições que todos conhecem. Então esse é um fator que acaba interferindo e às vezes prejudicando essa integração.
Mas de outra maneira acho que a partir do momento que a administração possibilitar formações continuadas para os professores na unidade escolar, com horários garantidos para participar dessas formações, acho que isso vai contribuir em muito, porque ele precisar ter essa formação, se abastecer

e voltar para a unidade escolar para estar trabalhando com seus alunos e com a comunidade. Isso é um fator importante.

VOCÊ CONHECE ALGUMA EXPERIÊNCIA DE OUTRAS ESCOLAS DA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO EDUCOM.RÁDIO?

Aqui na escola Pedro Teixeira nós desenvolvemos várias atividades, e o que é mais interessante, a formação que nós buscamos passar para os alunos, até mesmo quando ele muda, se formam, saem dessa unidade escolar, fica um vinculo, matem um vínculo. E é um fator que temos que considerar. Tanto é que muitos ex-alunos, a maioria deles administra e estão à frente do projeto. Você trás a comunidade e esses alunos que muitas vezes ficam ansiosos, eles estão dentro da escola fazendo uma programação útil, levando informação, música e levando um pouco de descontração.

VOCÊ CONHECE OUTRAS ESCOLAS QUE ESTÃO FAZENDO ISSO AQUI?

Eu conheço várias escolas aqui na região. Temos Pedro Teixeira, a Raul Pila que estamos trabalhando este ano nesta unidade, tivemos no último dia das mães uma atividade com a comunidade onde se foi feito uma homenagem para as mães, mensagens que foram lidas utilizando o equipamento do Educom. Então ele é um veículo que está presente em todas as atividades da escola.

Em outras escolas que é do meu conhecimento, com uma escola no centro do Itaim Paulista a escola Carlos Paschoalle, onde tem um projeto muito bom, temos também a escola Raimundo Correia, que fica no Jd. Helena, aqui em São Miguel, onde nesta escola eu trabalhei o ano passado e em 2004. Lá o projeto já está em andamento, procurávamos envolver todos os professores, funcionários e os alunos principalmente que faziam um trabalho de conscientização, porque muitas vezes o aluno tem uma visão do projeto Educom de uma rádio que só toca música. Mas procuramos passar para o aluno que além desse lado de descontração temos também a questão da informação, da utilidade pública. O rádio é isso, ele tem que ser um veículo que possa estar o quanto mais próximo da comunidade e desse aluno também.

E AQUELAS ESCOLAS QUE NÃO DERAM CERTO, QUE NÃO ESTÃO CAMINHANDO COM O PROJETO, PORQUE SERÁ?

Pode-se ter vários fatores, mas a vontade é a principal, tem que ter a questão do querer, do começar a acontecer. E a integração, ter alguém ali para estar orientando, para estar dando essa informação,

porque muitas vezes não acontece o projeto porque, não é culpa das pessoas que trabalham ali, é que essa informação se perdeu no caminho, não chegou até eles.

POR OCASIÃO DA ELABORAÇÃO DO PLANO CURRÍCULO PEDAGÓGICO NAS ESCOLAS, O RÁDIO É MENCIONADO?

Sim, com certeza. Inclusive atualmente nós estamos bastante contentes porque neste novo projeto da administração "São Paulo é uma escola", o projeto Educom.rádio faz parte, ele é mencionado. E a partir desta solicitação as escolas estão se organizando também e já estão colocando em seus projetos político pedagógico a inclusão de várias atividades com o rádio, utilizando esse equipamento.

EXISTE A CONSTATAÇÃO QUE A IMPLEMENTAÇÃO DO RÁDIO NAS ESCOLAS TEM MELHORADO O TRABALHO PEDAGÓGICO?

Com certeza, porque você melhora o canal de comunicação entre todos, entre direção, professores, funcionários e principalmente o aluno. A escola é um local onde acontecem várias atividades e projetos, e em muitas vezes as pessoas não sabem o que acontece aqui, em um grupo de formação de professores por exemplo, nós temos a jornada de especial integral. Dentro dessa jornada acontecem discussões sobre informações. Muitas vezes o aluno ou a comunidade não está a par do que acontece em relação há problemas relevantes à educação.
Então eu acho que ele facilita bastante e tem mais um ponto, todas as escolas que conheço e que tem o projeto Educom.rádio, tem diminuído o índice de violência de agressão física. É um projeto que visa a questão da ampliação dos laços de amizade e solidariedade, que é muito importante.

EXISTEM OUTROS EFEITOS QUE VOCÊ TEM VERIFICADO EM OUTRAS ESCOLAS COM QUE O RÁDIO JÁ ESTÁ EM FUNCIONAMENTO?

Eu tenho visto mesmo essa questão da integração, da amizade e a facilitação da comunicação. Eu acho que é o primordial, que eu tenho visto e tem-se melhorado muito.

COMO É QUE VOCÊ VÊ O FUTURO DO RÁDIO NA ESCOLA?

Eu vejo até de meu conhecimento, onde tem até alguns projetos de ampliação do sistema do Educom.rádio, que ele saia da escola e possa atingir as comunidades. Eu espero que o rádio venha há ser esse canal mesmo de diálogo, levar a informação da escola e os próprios alunos estarem produzindo informação e entrevista, estar divulgando isso fora da escola. Então eu vejo com bons olhos, e espero que esse projeto possa continuar, que as administrações futuras posam dar o devido valor, possam investir mesmo em equipamentos, em ação do pessoal, capacitação e que possa possibilitar o acesso a todas a unidades. E aquelas escolas que ainda não tem equipamento, não tem ainda o projeto Educom.rádio, eles possam também recebe-los.

Eu acredito que são medidas que poderão facilitar e contribuir para a melhoria do diálogo, dos meio de comunicação no futuro, a partir da escola para a comunidade, para no nosso país e para o mundo. Isso é fundamental.

O QUE É O PROJETO "SÃO PAULO É UMA ESCOLA"?

O projeto "São Paulo é uma escola" para nós é um projeto novo que visa a estar integrando toda uma comunidade, que é a escola, alunos, professores, pais, enfim, e criar oportunidades, criar espaços a partir da escola que facilitem o acesso do aluno as diferentes formas de leitura e escrita. É um projeto que visa muito a questão da leitura e escrita, melhorando essa prática na cidade de São Paulo. E o projeto Educom.rádio está inserido no projeto "São Paulo é uma Escola".

ANEXO 04

ENTREVISTA COM A ALUNA DAIANE DA EMEF PEDRO TEIXEIRA
IDADE: 13 ANOS / 7ªSÉRIE

COMO COMEÇO TUA EXPERIÊNCIA COM RÁDIO NA ESCOLA?
Começou este ano (2006), quando o professor me chamou para participar da rádio.

QUANTOS E QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE PARTICIPAM DAS ATIVIDADES DE RÁDIO?
São três professores. O Carlos, o André e o Vagner.

EXISTEM OUTRAS PESSOAS QUE PARTICIPAM DA RÁDIO AQUI NA ESCOLA? QUEM SÃO?
O Gutierres e o Rogério, que são membros da comunidade.

ELES FORAM EX-ALUNOS DA ESCOLA?
Isso.

COMO VOCÊ FOI RECEBIDA JUNTO AO GRUPO?
Fui recebida muito bem, eles me ensinaram bastante coisa.

JÁ REALIZOU ALGUM PROGRAMA DE RÁDIO? QUAL FOI O TEMA.
Já fiz vários, mais o que poderia dar destaque seria um que fiz sobre o tema: prevenção da AIDS.

VOCÊ GOSTOU DA EXPERIÊNCIA?
Eu gostei, foi muito legal, aprendi bastante.

A EXPERIÊNCIA COM O RÁDIO TEM TE AJUDDADO NO DESEMPENHO ESCOLAR DE QUE MANEIRA?
Tem me ajudado bastante, desde a falar melhor até o escrever bem.

QUAL A FUNÇÃO QUE VOCÊ MAIS DESEMPENHA NA RÁDIO?
O que mais desempenho é o trabalho de locução.

VOCÊ PARTICIPA DAS REUNIÕES DA RÁDIO NA ESCOLA?
Participo. Quando me pedem opinião eu dou.

EXISTEM REUNIÕES PARA DECIDIREM AS PAUTAS?
Existem, discutimos sobre vários assuntos, desde como vamos fazer o programa até aquilo que os nossos colegas gostariam de escutar na rádio.

VOCÊ ACHA QUE A SUA PARTICIPAÇÃO NA RÁDIO TEM TE AJUDADO A COMUNICAR MELHOR? COMO?
Com certeza. Eu tinha mais vergonha de falar, agora não, eu falo dando aquela animação, me expressando melhor.

EXISTEM PESSOAS DA COMUNIDADE QUE NÃO SEJAM ALUNOS E PROFESSORES QUE PARTICIPAM DAS ATIVIDADES AQUI NA RÁDIO?
Existe.

COMO É A PARTICIPAÇÃO DESSAS PESSOAS NA RÁDIO?
Eles participam, dão opinião. A maioria dessas pessoas já foram alunos da escola e daí existe um incentivo maior no trabalho, para aqueles que nos ajudam que são pais de alunos eles só transformam o espaço do rádio num tom mais comunitário, e isto torna a rádio mais dinâmica, por não se tratar de assuntos só da escola.

O RÁDIO LHE AJUDOU A DESCOBRIR ALGUMA HABILIDADE NOVA, DESCONHECIDA POR VOCÊ? QUAL?
Ajudou, como por exemplo falar melhor.

A EXPERIÊNCIA COM RÁDIO FEZ MUDAR A SUA FORMA DE OUVIR RÁDIO?
Sim, agora eu presto mais atenção nos assuntos, nas notícias que são bastante importantes também, antes só fazia escutar música.

VOCÊ ACHA QUE A COMUNICAÇÃO NA ESCOLA MELHOROU COM A CHEGADA DA RÁDIO? COMO ERA A COMUNICAÇÃO ANTES E COM É AGORA?
Acho que melhorou, a comunicação, pois antes era mais fraca, agora ela é mais forte onde todos pegam a notícia com mais facilidade.

VOCÊ PRETENDE DEIXAR DE PARTICIPAR DA RÁDIO DA ESCOLA QUANDO FOR ESTUDAR EM OUTRA ESCOLA?
Não. Pretendo continuar.

COMO VOCÊ VÊ O FUTURO DA RÁDIO AQUI NA ESCOLA?
Bem, eu quero que venham mais pessoas aqui na rádio para se comunicar mais, falar mais, aprender a discutir sobre mais assuntos como violência e drogas.

ANEXO 05

ENTREVISTA COM A ALUNA ISABELA DA EMEF PEDRO TEIXEIRA
IDADE: 12 ANOS / 7ª SÉRIE
QUANDO COMEÇOU A SUA EXPERIÊNCIA COM RÁDIO AQUI NA ESCOLA?
Começou quando eu estava na 4° série, quando um professor foi até a sala de aula pedir aos alunos que fizessem uma votação para que dois deles participassem de um curso para participar da rádio. Foi quando eu comecei a participar dos cursos.

QUEM A CONVIDOU PARA PARTICIPAR DA EQUIPE DE RÁDIO?
Foi o Professor Carlos.

QUANTOS E QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE PARTICIPAM DAS ATIVIDADES DE RÁDIO?
São três professores. O professor André, Vagner e Carlos.

EXISTEM OUTRAS PESSOAS QUE PARTICIPAM DA RÁDIO AQUI NA ESCOLA, FORA OS PROFESSORES E ALUNOS?

Sim.

FALE DE ALGUNS PROGRAMAS DE RÁDIO QUE VOCÊ FEZ.

Fiz alguns programas sobre Drogas, Gestação na adolescência.

VOCÊ GOSTOU DA EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAR DA RÁDIO?

Gostei, é legal participar da rádio.

A EXPERIÊNCIA DA RÁDIO TEM TE AJUDADO NO DESEMPENHO ESCOLAR? DE QUE MANEIRA?

Tem sim. Agora por exemplo, eu faço a pauta na rádio, onde pesquiso sobre assuntos ligados a juventude, daí acabo aprendendo ainda mais.

JÁ EXISTIA UM GRUPO ANTES AQUI NA ESCOLA OU VOCÊ FOI A PRIMEIRA?

Já existia, mas passou um tempo parado, e agora voltamos com todo o gás.

QUAL A FUNÇÃO QUE VOCÊ DESEMPENHA AQUI NA RADIO?

Eu faço de tudo. Desde a mexer com a sonoplastia até a locução.

VOCÊ PARTICIPA DAS DECISÕES DA RÁDIO NA ESCOLA?

Participo. Eu falo o que acho da rádio, dou minha opinião.

VOCÊ SÓ FALA QUANDO TEM REUNIÃO?

Falo quando tem reuniões e falo também com os professores e meus colegas de sala de aula, para saber um pouco como vai os nossos programas e também para saber o que eles querem escutar na nossa rádio .

EXISTEM REUNIÕES DE PAUTA PARA SABER QUE PROGRAMAS IRÃO SER FEITOS?

Sim, nós discutimos os temas que iremos falar.

VOCÊ ACHA QUE A PARTICIPAÇÃO NA RÁDIO DA ESCOLA TEM LHE AJUDADO A SE COMUNICAR MELHOR?

Acho que sim, se ver na minha maneira de me comunicar com outras pessoas.

DE UM EXEMPLO DA TUA HISTORIA DENTRO DA ESCOLA, EM RELAÇÃO À MELHORA DA PARTICIPAÇÃO DA RÁDIO DENTRO DA ESCOLA.

Acho que me ajudou a falar melhor.

EXISTEM PESSOAS DA COMUNIDADE QUE NÃO SEJAM ALUNOS E PROFESSORES QUE PARTICIPAM DAS ATIVIDADES AQUI NA RÁDIO?

Sim.

O RÁDIO LHE AJUDOU A DESCOBRIR ALGUMA HABILIDADE NOVA, DESCONHECIDA POR VOCÊ? QUAL?

Operar no som foi uma das coisas mais difíceis que aprendi, porque tinham coisas que eu nem sabia que existiam.

A EXPERIÊNCIA COM RÁDIO FEZ MUDAR A SUA FORMA DE OUVIR RÁDIO?

Fez, porque antes era só musica. Agora não. Agora já dou mais valor para a rádio, para as notícias que ela passa.

VOCÊ ACHA QUE A COMUNICAÇÃO NA ESCOLA MUDOU COM A CHEGADA DA RÁDIO?

Melhorou.

E VOCÊ PODERIA DIZER COMO ERA ANTES E COM É AGORA?

Antes o intervalo era aquela chatice. Hoje não. As pessoas agora prestam mais atenção nas coisas que falamos.

VOCÊ ACHA QUE AGORA OS INTERVALOS FICAM MAIS ATRAENTES?

Eu acho, porque antes era um intervalo sem graça, eu descia e ficava sem fazer nada. Hoje nos intervalos ficamos ouvindo músicas e prestando atenção nas coisas que são faladas. Ficou mais atraente.

VOCÊ PRETENDE DEIXAR DE PARTICIPAR DA RÁDIO DA ESCOLA QUANDO FOR ESTUDAR EM OUTRA ESCOLA?

Não. Quando eu sair daqui pretendo continuar a participar da rádio.

COMO VOCÊ VÊ O FUTURO DA RÁDIO NA ESCOLA?

Bem, tomara que essa rádio não acabe. Outras pessoas virão e a rádio vai pra frente.

ANEXO 06

ENTREVISTA COM A ALUNA SABRINA DA EMEF PEDRO TEIXEIRA
IDADE: 13 ANOS / 7ª SÉRIE

COMO COMEÇOU TUA EXPERIÊNCIA COM RÁDIO NA ESCOLA?

Em 2005, daí comecei logo fazendo locução.

VOCÊ TEVE ALGUMA CAPACITAÇÃO TÉCNICA?

Sim, às vezes faço um pouco de sonoplastia.

QUEM A CONVIDOU PARA PARTICIPAR DA EQUIPE DE RÁDIO?

O professor Carlos.

QUANTOS E QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE PARTICIPAM DAS ATIVIDADES DE RÁDIO?
São três professores. O Carlos, o André e o Vagner.

EXISTEM OUTRAS PESSOAS QUE PARTICIPAM DA RÁDIO AQUI NA ESCOLA, FORA OS PROFESSORES E ALUNOS?

Não.

COMO VOCÊ FOI RECEBIDA JUNTO AO GRUPO?

Eu estava na sala quando o professor falou para fazer uma votação daqueles que tinham as notas mais altas da sala, para assim poderem participar do programa da rádio. Foi quando ele me chamou.

JÁ REALIZOU ALGUM PROGRAMA DE RÁDIO? QUAL FOI O TEMA.
Já participei, e o tema foi relacionado a drogas.

VOCÊ GOSTOU DA EXPERIÊNCIA?

Gostei.

A EXPERIÊNCIA COM O RÁDIO TEM TE AJUDO NO DESEMPENHO ESCOLAR?
Tem sim, porque eu não ligava em vir para a escola. Mas depois do rádio eu percebi que as coisas que eu estudava poderia coloca-las aqueles assuntos estudados nas pauta dos programas.

QUAL A FUNÇÃO QUE VOCÊ MAIS DESEMPENHA NA RÁDIO?

Desempenho mais o trabalho na locução.

VOCÊ PARTICIPA DAS REUNIÕES DA RÁDIO NA ESCOLA?

Participo.

HÁ REUNIÕES PARA DECIDIREM AS PAUTAS?

Sim. Quando vamos fazer a pauta perguntamos qual será o tema, como fazer e chegamos a uma conclusão.

VOCÊ ACHA QUE A SUA PARTICIPAÇÃO NA RÁDIO TEM TE AJUDADO A COMUNICAR MELHOR? COMO?

Tem. Sempre gostei de rádio, só que fui me influenciando mais quando fui ver a realidade do som na rádio que eu escuto, tive a oportunidade de sentir de fato aquilo que passa dentro daquela caixinha de surpressa.

A EXPERIÊNCIA COM RÁDIO TEM TE AJUDADO NO DESEMPENHO ESCOLAR DE QUE MANEIRA?

Eu venho para escola estudar, mas agora eu tenho uma empolgação maior para vir a escola, fico até anciosa para que chegue logo a hora de fazer o programa.

EXISTEM PESSOAS DA COMUNIDADE QUE NÃO SEJAM ALUNOS E PROFESSORES QUE PARTICIPAM DAS ATIVIDADES AQUI NA RÁDIO?

Sim.

O RÁDIO LHE AJUDOU A DESCOBRIR ALGUMA HABILIDADE NOVA, DESCONHECIDA POR VOCÊ? QUAL?

Sim, como mexer no som do rádio. Ainda tem muitas coisas que não sei, mas à maioria já aprendi.

A EXPERIÊNCIA COM RÁDIO FEZ MUDAR A SUA FORMA DE OUVIR RÁDIO?

É como eu já havia dito, eu escutava rádio e não prestava bastante atenção, só prestava atenção nas músicas. Mas agora não, presto mais atenção nos assuntos porque podem me ajudar bastante na hora de fazer as pautas aqui.

VOCÊ ACHA QUE A COMUNICAÇÃO NA ESCOLA MELHOROU COM A CHEGADA DA RÁDIO? COMO ERA A COMUNICAÇÃO ANTES E COM É AGORA?

Acho que sim. Antes vínhamos para a escola ficávamos conversando de nada por quinze minutos. Agora escutamos a rádio, prestamos atenção nas pautas porque pode ser coisas que estão acontecendo em nossas vidas.

VOCÊ PRETENDE DEIXAR DE PARTICIPAR DA RÁDIO DA ESCOLA QUANDO FOR ESTUDAR EM OUTRA ESCOLA?

Não, de jeito nenhum.

COMO VOCÊ VÊ O FUTURO DA RÁDIO AQUI NA ESCOLA?

Bem, eu quero ficar aqui mais algum tempo, porque quanto mais tempo eu trabalhar na rádio, posso ainda mais melhorar o meu potencial, e daí descobrirei coisas novas para passar para outras pessoas.

ANEXO 07

ENTREVISTA COM A ALUNA THAIS DA EMEF PEDRO TEIXEIRA
IDADE: 13 ANOS / 7ª SÉRIE

COMO COMEÇOU TUA EXPERIÊNCIA COM RÁDIO NA ESCOLA?

Tudo começou este ano (2006).

QUEM CONVIDOU VOCÊ A PARTICIPAR?

Foi o professor Carlos.

QUANTOS E QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE PARTICIPAM DAS ATIVIDADES DE RÁDIO?

São três professores. O Carlos, o André e o Vagner.

EXISTEM OUTRAS PESSOAS QUE PARTICIPAM DA RÁDIO AQUI NA ESCOLA? QUEM SÃO?

Tem o Gutierres, o Rogério e o Everton.

COMO VOCÊ FOI RECEBIDA JUNTO AO GRUPO?

Me receberam super bem, me ensinaram muitas coisas.

JÁ REALIZOU ALGUM PROGRAMA DE RÁDIO? QUAL FOI O TEMA.

Já, um dos primeiros temas era sobre as drogas.

VOCÊ GOSTOU DA EXPERIÊNCIA?

Gostei.

PORQUE VOCÊ GOSTOU?

Porque eu aprendi ainda mais a discutir este assunto.

A EXPERIÊNCIA COM O RÁDIO TEM TE AJUDO NO DESEMPENHO ESCOLAR DE QUE MANEIRA?

Tem sim, porque eu me desenvolvo mais, vou aprendendo mais a cada dia.

QUAL A FUNÇÃO QUE VOCÊ MAIS DESEMPENHA NA RÁDIO?

Eu trabalho no som.

VOCÊ PARTICIPA DAS REUNIÕES DA RÁDIO NA ESCOLA?

Participo.

EXISTEM REUNIÕES PARA DECIDIREM AS PAUTAS?

Existem.

VOCÊ ACHA QUE A SUA PARTICIPAÇÃO NA RÁDIO TEM TE AJUDADO A COMUNICAR MELHOR? COMO?

Tem sim, porque a gente aprende a se comunicar melhor e assim dando um passo a cada programa de aprender mais.

EXISTEM PESSOAS DA COMUNIDADE QUE NÃO SEJAM ALUNOS E PROFESSORES QUE PARTICIPAM DAS ATIVIDADES AQUI NA RÁDIO?

Sim, como eu já falei, o Rogério, o Gutierres e o Everton.

COMO É A PARTICIPAÇÃO DESSAS PESSOAS NA RÁDIO?

Eles nos ajudam bastante, pois eles tinham mais experiência que nós na parte de som, locução, etc.

O RÁDIO LHE AJUDOU A DESCOBRIR ALGUMA HABILIDADE NOVA, DESCONHECIDA POR VOCÊ? QUAL?

Ajudou, principalmente na parte de som, porque é diferente o som de casa e o da escola.

A EXPERIÊNCIA COM RÁDIO FEZ MUDAR A SUA FORMA DE OUVIR RÁDIO?

Ajudou a prestar mais atenção nas notícias.

VOCÊ ACHA QUE A COMUNICAÇÃO NA ESCOLA MELHOROU COM A CHEGADA DA RÁDIO? COMO ERA A COMUNICAÇÃO ANTES E COM É AGORA?

Ajudo muito. Antes ficávamos parados, o intervalo ficava sem graça porque além do lanche as pessoas ficavam só conversando, e agora ficamos escutando notícias, e o melhor é que nós da rádio que damos as notícias. Uma outra coisa bem legal são os temas discutidos nos nossos programas, às vezes trazemos alguém da comunidade, alguém do Posto de Saúde. Podemos dizer que o Rádio esta sendo a ponte entre a comunidade e a escola.

VOCÊ PRETENDE DEIXAR DE PARTICIPAR DA RÁDIO DA ESCOLA QUANDO FOR ESTUDAR EM OUTRA ESCOLA?

Não. Eu vou querer montar uma rádio na escola em que eu estiver. Aqui eu tenho certeza que vai crescer, porque quando eu sair outras pessoas virão.

ANEXO 08

ENTREVISTA COM O ALUNO CARLOS DA EMEF PEDRO TEIXEIRA
IDADE: 14 ANOS / 7ªSÉRIE

COMO COMEÇOU TUA EXPERIÊNCIA COM RÁDIO NA ESCOLA?

Começou em 2005, quando o professor Carlos foi até a sala, chamou os alunos e eu fui escolhido.

QUANTOS E QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE PARTICIPAM DAS ATIVIDADES DE RÁDIO?
São três professores. O Carlos, o André e o Vagner.

EXISTEM OUTRAS PESSOAS QUE PARTICIPAM DA RÁDIO AQUI NA ESCOLA, FORA OS PROFESSORES E ALUNOS?
Existe, o Rogério e o Gutierres.

COMO VOCÊ FOI RECEBIDA JUNTO AO GRUPO?

Fui recebido bem, com muito carinho.

JÁ REALIZOU ALGUM PROGRAMA DE RÁDIO? QUAL FOI O TEMA.
Já participei de temas como amor x camisinha, que foi um tema bastante polêmico, além de novos rumos do esporte no bairro, que foi uma verdadeira loucura, e etc.

VOCÊ GOSTOU DA EXPERIÊNCIA?

Gostei, foi uma experiência nova.

A EXPERIÊNCIA COM O RÁDIO TEM TE AJUDO NO DESEMPENHO ESCOLAR?
Ajudou muito, a cada dia aprendo mais.

QUAL A FUNÇÃO QUE VOCÊ MAIS DESEMPENHO NA RÁDIO?

Eu fico mais no som.

VOCÊ PARTICIPA DAS REUNIÕES DA RÁDIO NA ESCOLA?

Às vezes sim, às vezes não.

HÁ REUNIÕES PARA DECIDIREM AS PAUTAS?

Sim.

VOCÊ ACHA QUE A SUA PARTICIPAÇÃO NA RÁDIO TEM TE AJUDADO A COMUNICAR MELHOR? COMO?
Sim, porque agora eu aprendi um pouco mais do funcionamento da rádio.

EXISTEM PESSOAS DA COMUNIDADE QUE NÃO SEJAM ALUNOS E PROFESSORES QUE PARTICIPAM DAS ATIVIDADES AQUI NA RÁDIO?
Acho que sim.

O RÁDIO LHE AJUDOU A DESCOBRIR ALGUMA HABILIDADE NOVA, DESCONHECIDA POR VOCÊ? QUAL?
Ajudou a conhecer mais à parte de som.

A EXPERIÊNCIA COM RÁDIO FEZ MUDAR A SUA FORMA DE OUVIR RÁDIO?

Antes eu gostava só de Rap e Black. Agora eu gosto de tudo um pouco, agora estou percebendo mais o que o rádio, porque antes só via como uma caixinha de música, e vejo hoje que é muito mais que isto.

VOCÊ ACHA QUE A COMUNICAÇÃO NA ESCOLA MELHOROU COM A CHEGADA DA RÁDIO? COMO ERA A COMUNICAÇÃO ANTES E COM É AGORA?
Sim, antigamente era um caos. Todos só pensavam em comer, brigar e fofocar na hora do intervalo, agora exitem outras possibilidades de conversa, porque a rádio deixa todo mundo naquela espectativa do que irá rolar no dia seguinte, e no outro, e assim por diante.

VOCÊ PRETENDE DEIXAR DE PARTICIPAR DA RÁDIO DA ESCOLA QUANDO FOR ESTUDAR EM OUTRA ESCOLA?

Não.

COMO VOCÊ VÊ O FUTURO DA RÁDIO AQUI NA ESCOLA?

Tomara que a rádio se desenvolva chegando mais equipamentos para que outras pessoas possam aprender, como eu aprendi.

ANEXO 09

ENTREVISTA COM O ALUNO CÁSSIO DA EMEF PEDRO TEIXEIRA

IDADE: 12 ANOS / 7ª SÉRIE

COMO COMEÇO TUA EXPERIÊNCIA COM RÁDIO NA ESCOLA?

Eu comecei em 2005, onde os meninos da 8° série me chamaram para fazer. Eu conversei com o professor e entrei na rádio.

QUEM CONVIDOU VOCÊ A PARTICIPAR?

Foram os meninos e o professor.

QUANTOS E QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE PARTICIPAM DAS ATIVIDADES DE RÁDIO?
São três professores. O Carlos, o André e o Vagner.

EXISTEM OUTRAS PESSOAS QUE PARTICIPAM DA RÁDIO AQUI NA ESCOLA? QUEM SÃO?
Tem o Rodrigo, o Rogério e o Gutierres.

COMO VOCÊ FOI RECEBIDA JUNTO AO GRUPO?

Me receberam bem, pois eu já freqüentava a rádio com os meninos. O meu pai era DJ, e ele me ensinava as coisas, a mexer no som. Então eu já sabia desde pequeno a mexer no som.

JÁ REALIZOU ALGUM PROGRAMA DE RÁDIO? QUAL FOI O TEMA.
Já sim. No ano passado fizemos sobre a Dengue, AIDS entre outros.

A EXPERIÊNCIA COM O RÁDIO TEM TE AJUDODADO NO DESEMPENHO ESCOLAR DE QUE MANEIRA?

Tem sim. Eu sou o locutor na rádio, então tenho que ler tudo que a Isabela faz. E tanto ela como eu fazemos pesquisas na internet, onde lemos tudo e entendemos mais dos assuntos.

QUAL A FUNÇÃO QUE VOCÊ MAIS DESEMPENHA NA RÁDIO?

A de locutor.

VOCÊ PARTICIPA DAS REUNIÕES DA RÁDIO NA ESCOLA?

Participo.

VOCÊ ACHA QUE A SUA PARTICIPAÇÃO NA RÁDIO TEM TE AJUDADO A COMUNICAR MELHOR? COMO?
Tem sim. No intervalo ninguém fazia nada, só ficavam brincando, todos iam para a quadra. Mas agora nós fazemos a programação e todos vêem para escutar as noticias e as músicas.

EXISTEM PESSOAS DA COMUNIDADE QUE NÃO SEJAM ALUNOS E PROFESSORES QUE PARTICIPAM DAS ATIVIDADES AQUI NA RÁDIO?
Existe. Tem o Rogério, o Gutierres e o Rodrigo.

COMO É A PARTICIPAÇÃO DESSAS PESSOAS NA RÁDIO?

Eles os ensinam e nos ajudam, porque eles são mais experientes.

O RÁDIO LHE AJUDOU A DESCOBRIR ALGUMA HABILIDADE NOVA, DESCONHECIDA POR VOCÊ? QUAL?
Eu era tímido, tinha vergonha de conversar com os outros. Agora eu converso mais, me expresso melhor.

A EXPERIÊNCIA COM RÁDIO FEZ MUDAR A SUA FORMA DE OUVIR RÁDIO?

Eu já escutava rádio antes, mas agora eu entendo mais.

VOCÊ ACHA QUE A COMUNICAÇÃO NA ESCOLA MELHOROU COM A CHEGADA DA RÁDIO? COMO ERA A COMUNICAÇÃO ANTES E COM É AGORA?
Antes todos eram desanimados, não faziam nada. Agora quando começa a tocar as músicas, todos começam a dançar.

VOCÊ PRETENDE DEIXAR DE PARTICIPAR DA RÁDIO DA ESCOLA QUANDO FOR ESTUDAR EM OUTRA ESCOLA?
Não, vou continuar vindo aqui.

COMO VOCÊ VÊ O FUTURO DA RÁDIO AQUI NA ESCOLA?

Vão ter várias pessoas que vão se interessar. Eu falo para todos da minha rua o que eu faço e todos ficam interessados.

ANEXO 10

ENTREVISTA COM O ALUNO ÉDER DA EMEF PEDRO TEIXEIRA
IDADE: 13 ANOS / 7ª SÉRIE

COMO COMEÇOU TUA EXPERIÊNCIA COM RÁDIO NA ESCOLA?

Começou na 5° série, quando o professor passou perguntando se alguém queira fazer parte do Educom.

VOCÊ PARTICIPA DAS RÁDIOS COM OUTRAS PESSOAS?

Eu participo com a Daiane, com a Thais, com o Rodrigo e outros colegas da escola e da comunidade.

COMO VOCÊ FOI RECEBIDO PELO GRUPO?

Foi Beleza.

VOCÊ JÁ REALIZOU ALGUM PROGRAMA DE RÁDIO AQUI NA ESCOLA? QUAL O TEMA?
Participei. O tema foi sobre o amor.

VOCÊ GOSTOU DA EXPERIÊNCIA? PORQUE?

Gostei. Porque não falamos só do namoro, ou do amor através do sexo, mas de uma coisa que as pessoas estão esquecendo, que é o amor ao próximo.

VOCÊS JÁ FIZERAM ALGUM PROGRAMA RELACIONADO À PAZ, VIOLÊNCIA NA ESCOLA?
Já fizemos sobre violência.

QUAL É A TUA FUNÇÃO HOJE NA RÁDIO?

Eu trabalho no som e faço um pouco de locução.

VOCÊ PARTICIPA DAS REUNIÕES QUE TEM NO RÁDIO?

Participo.

ESSAS REUNIõES SÃO LEGAIS?

Sim.

VOCÊ ACHA QUE A PARTICIPAÇÃO DA RÁDIO DENTRO DA ESCOLA TEM LHE AJUDADO A SE COMUNICAR MELHOR?
Tem, porque quando não sabemos algo a respeito de algum assunto, fazemos a pesquisa e aprendemos.

O RÁDIO LHE AJUDOU A DESCOBRIR ALGUMA HABILIDADE NOVA, DESCONHECIDA POR VOCÊ? QUAL?
Ajudou. Descobrir a deixar o som mais equilibrado, com mais qualidade e uma outra coisa e que agora estou lendo mais sobre vários assuntos.

EXISTEM PESSOAS DA COMUNIDADE QUE NÃO SEJAM ALUNOS E PROFESSORES QUE PARTICIPAM DAS ATIVIDADES AQUI NA RÁDIO?
Sim.

A EXPERIÊNCIA COM RÁDIO FEZ MUDAR A SUA FORMA DE OUVIR RÁDIO?

Mudou, porque antes eu colocava o som muito alto, agora escuto o sentido de tudo que passa, desde as músicas até as notícias.

VOCÊ ACHA QUE A COMUNICAÇÃO NA ESCOLA MELHOROU COM A CHEGADA DA RÁDIO? COMO ERA A COMUNICAÇÃO ANTES E COM É AGORA?
Melhorou. Antes as pessoas eram muito paradas, não faziam nada, só comiam e ficavam conversando. Agora não. As pessoas escutam sobre o tema.

VOCÊ PRETENDE DEIXAR DE PARTICIPAR DA RÁDIO DA ESCOLA QUANDO FOR ESTUDAR EM OUTRA ESCOLA?
Não.

O QUE VOCÊ ACHA DO FUTURO DA RÁDIO AQUI NA ESCOLA?

Eu acho que a rádio vai atrair pessoas que ainda não sabem utilizar este meio de informação tão importante. Quero que essas pessoas participem e aprendam os novos caminhos da informação.